

DIRIGIR

revista para chefias e quadros

Tempo *à Procura da 25^a Hora*



SEPARATA

Tempo Livre?



COMUNIDADE EUROPEIA
Fundo Social Europeu



INSTITUTO DO EMPREGO E FORMAÇÃO PROFISSIONAL
Ministério do Trabalho e da Solidariedade



Parecer Relativo ao Tratamento de Resíduos Industriais Perigosos – Comissão Científica Independente (I Volume)

Com esta publicação, a *Principia* disponibiliza ao grande público o texto integral do documento que a Comissão Científica Independente de Controlo e Fiscalização Ambiental da Co-Incineração elaborou sobre a polémica e muito falada questão do tratamento de resíduos industriais perigosos. Eis, pois, o documento incontestável que importa conhecer para melhor poder abordar e debater este problema de tão grande relevância no âmbito da política ambiental em Portugal e que respeita, no futuro, à futura qualidade de vida de todos nós.

**Autores: Sebastião Formosinho • Casimiro Pio
Henrique Barros • José Cavalheiro**

**3.350\$00
16.71€**



Parecer Relativo ao Tratamento de Resíduos Industriais Perigosos – Comissão Científica Independente (II Volume)

Na sequência do estudo anteriormente apresentado pela Comissão Científica Independente, neste segundo volume do *Parecer Relativo ao Tratamento de Resíduos Industriais Perigosos* a Comissão apresenta os estudos requeridos pela Assembleia da República (Lei 20/2000, de 10 de Agosto): critério de periculosidade, caracterização, tratamento e valorização dos resíduos, bem como os impactos na saúde pública causados pela poluição de resíduos perigosos e seus processos de tratamento. Em particular, é apresentado o relatório do Grupo de Trabalho Médico, especialmente constituído para este efeito, sobre "o impacto sobre a saúde pública dos processos de queima de resíduos industriais perigosos".

**Autores: Sebastião Formosinho • Casimiro Pio
Henrique Barros • José Cavalheiro**

**1.800\$00
8.98€**



História do Crédito ao Consumo

Essencialmente motivado pelo renovado interesse suscitado pelo tema do totalitarismo, designadamente pelas suas ligações históricas ao pensamento político e pelas formas que [...] pode apresentar na moderna sociedade democrática europeia, Paulo Otero produzira um texto de grande interesse e actualidade que se propõe reflectir sobre duas questões fundamentais: «Será que o totalitarismo é uma inovação do século XX?» e «Será o totalitarismo um legado para o século XXI?». O «senso de resposta» a estas questões, no dizer do próprio autor, «não se dirige exclusivamente a juristas ou universitários, achando por resultar num texto cativante e actual para o público em geral que, em torno de temas como as origens do totalitarismo, a sua relação com outras ideologias ao longo da História e as suas múltiplas manifestações na democracia dos nossos dias (na técnica, na ciência, na medicina e na genética, nos meios de comunicação social, na política...), nos leva a reflectir sobre o desafio em aberto que nos coloca, ainda hoje, a cultura totalitária».

**Autores: Rosa-Maria Gelpi • François Julien-Labruyère
Apoio: Fondation Cetelem**

**2.850\$00
14.22€**

TÍTULOS	AUTOR	PREÇO (sem IVA)	QTD.
Parecer Relativo ao Tratamento de Resíduos Industriais Perigosos (I vol.)	Vários	3.350\$00	
Parecer Relativo ao Tratamento de Resíduos Industriais Perigosos (II vol.)	Vários	1.800\$00	
História do Crédito ao Consumo	Rosa-Maria Gelpi e F. Julien-Labruyère	2.850\$00	
Satisfação do Consumidor – O caso da televisão por cabo em Portugal	José Nascimento	2.900\$00	
Democracia Totalitária	Paulo Otero	3.900\$00	
Portugal European Story	Inst. Estudos Estratégicos Internacionais	2.835\$00	
Verdes são também os Direitos do Homem	Vasco Pereira da Silva	1.200\$00	

Autorizo débito no meu cartão
 Visa Master/Eurocard
 Nº
 CVV (dígitos no verso do cartão)
 Valor da transacção: _____ \$00
 Validade do cartão: ____/____ Data de Encomenda: ____/____
 Assinatura: _____

Junto cheque nº: _____
 sobre o banco _____
 no valor de _____ escudos, à ordem de
 Principia, Publicações Universitárias e Científicas, Lda.

Preço que me seja enviado à cobrança (acrescenta 700\$00 e os portes de correio)

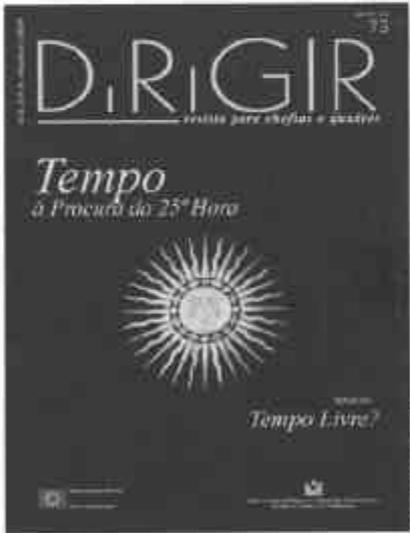
Nome: _____
 Morada: _____
 Código Postal: _____ Localidade: _____
 Nº de contribuinte: _____ Telefone: _____
 Profissão: _____ E-mail: _____

Principia

Encomendas para:

Principia, Publicações Universitárias e Científicas, Lda,
 Avenida Marques Leal, 21, 2º
 2765-495 S. João do Estoril - Portugal
 Telefone: (351) 21 467 87 10 - Fax: (351) 21 467 87 19
 E-mail: encomendas@principia.pt
 URL: <http://www.principia.pt>

SUMÁRIO

EDITORIAL	2	
DESTAQUE	3	
Voluntariado	3	
— um tempo do seu tempo		
<i>Ruben Eiras</i>		
A revolução dos costumes	10	
<i>Carlos Barbosa de Oliveira</i>		
Tome nota	22	
HISTÓRIA E CULTURA	23	
Todo o mundo é composto	23	
de mudanças...		
<i>João Godinho Soares</i>		
Tome nota	33	
GESTÃO	36	
Gestão do tempo	36	
— à procura da 25.ª hora		
<i>Ruben Eiras</i>		
43 Não podemos ignorar...	43	
porque vemos, ouvimos e lemos		
<i>Ana Baptista</i>		
Tome nota	51	
Disse sobre gestão	57	
EUROFLASH	58	
DESENVOLVIMENTO PESSOAL	59	
A 25.ª hora	59	
<i>José Vicente Ferreira</i>		
LIVROS A LER	63	

A GESTÃO DO TEMPO
— À PROCURA DA 25.ª HORA

FOTO: JORGE BARRIOS

NÃO PODEMOS IGNORAR... PORQUE VEMOS,
OUVIMOS E LEMOS

COLABORADORES: ANA BAPTISTA, CARLOS BARBOSA DE OLIVEIRA, ELVIRA FERREIRA, FERNANDO CASQUEIRA, JOÃO GODINHO SOARES, JOSÉ M. TELES SAMPAIO, J. VICENTE FERREIRA, NUNO DE OLIVEIRA PINTO, RUBEN EIRAS. REVISÃO TIPOGRÁFICA: LAURINDA BRANDÃO. CAPA: FOTO DE JORGE BARRIOS. CONCEPÇÃO E DIRECÇÃO GRÁFICA: F4 - NUNO GASPAR. ILUSTRAÇÕES: MANUEL LIBREIRO, MARTA TORRÃO, NUNO GASPAR, PAULO BUCHINHO, SÉRGIO REBELO. GRÁFICOS: NUNO GASPAR. MONTAGEM E IMPRESSÃO: TIPOGRAFIA PERES, S.A.

FICHA TÉCNICA

PROPRIEDADE

Instituto do Emprego
e Formação Profissional

DIRECTOR

Félix Estanino

COORDENADORA

Lúlia Spencer Branco

CONSELHO EDITORIAL

Adelino Palma
Elizabete Miranda
Félix Estanino
Henrique Motu
Júlio Palaciano
José Sousa Rêgo
Lúlia Spencer Branco
J. M. Mampres Apolissário
J. Vicente Ferreira

APOIO ADMINISTRATIVO

Ana Maria Varela
Cristina Gil
Isabel Alexandra Tavares

REDACÇÃO E ASSINATURAS

Departamento
de Formação Profissional
Serviço de Gestão Editorial
das Revistas Formar e Dirigir
Tel.: 21 961 41 00
Fax: 2652-2719
Fax: 21 961 46 21
Rua de Xabregas, n.º 52
1949-003 Lisboa
E-mail: dirigir@iefp.pt

EDIÇÃO

Gabinete de Comunicação

PERIODICIDADE

6 números/ano

TIRAGEM

21 000 exemplares

CONDIÇÕES DE ASSINATURA

Enviar carta com nome
completo, data de nascimento, morada,
função profissional, empresa onde
trabalha e respectivo div. de actividade,
para Rua de Xabregas, n.º 52
1949-003 Lisboa

NOTA DE NOTAS

DEPÓSITO LEGAL: 1751987

ISSN: 0871-7254

Os artigos assinados são
da exclusiva responsabilidade
dos autores, não coincidindo
necessariamente com as opiniões
da Comissão Executiva do IEFP.

É permitida a reprodução
dos artigos publicados, para fins não
comerciais, desde que indicada
a fonte e informado a Revista.

À procura do tempo perdido

A O tempo cronológico, também conhecido como a 4.ª dimensão (da física), é algo indefinido e, tal como a vida, é sempre limitado, mesmo quando não somos capazes de ver o princípio e o fim. Disse limitado, o que não significa necessariamente efémero, porque isso depende, quase só, da força do nosso testemunho forjado na memória do tempo – alquimia de mulheres e homens, sonhos e realidades, sucessos e insucessos... da realização das gerações que cumprem o seu “mandato” existencial.

R Vivemos num tempo em que as pessoas dizem não terem tempo para nada e vivem angustiadas, frequentemente, em função disso mesmo: “Ah, se eu pudesse parar o tempo!”, “Tenho que ter tempo para tudo e para todos menos para mim próprio” – eis alguns dos desahafos que povoam as consciências do nosso tempo.

T As pessoas correm, correm freneticamente em todas as direcções, por isto e por aquilo, aos ziguezagues, qual ébrio com um torcicolo de cansaço e desalento. É aqui que, por vezes, se torna necessário parar um pouco para voltar a reflectir sobre o nosso papel, na sociedade e na vida.

— No entanto, antes de perguntar: como posso esticar o tempo? – tarefa titânica reservada aos deuses do Olimpo –, devo questionar-me sobre quais as prioridades da minha vida, qual o sentido das minhas acções ou, de forma mais tecnocrática, como gerir melhor o meu tempo?

D Não sendo capaz de responder a todas as solicitações devo, de entre o universo das possíveis, escolher aquelas que mais poderão contribuir para a minha alegria de viver, para a minha realização pessoal.

Mas este EU tem que ser utilizado com parcimónia, sob pena de se confundir com egoísmo e, neste caso, voltaremos a ter mais do mesmo, ou seja, uma existência cheia de coisa nenhuma, balofa, pouco útil e sem sentido gregário.

O n.º 73 da DIRIGIR tem como propósito singular convocar os leitores para uma reflexão sobre o uso do tempo nos dias que correm e, surpresa das surpresas, apesar de ser visto pela generalidade das pessoas com um bem escasso, ainda assim existem muitos concidadãos que conseguem “inventar” tempo para, de forma voluntária, generosa e, frequentemente, graciosa, se dedicarem a causas humanitárias. Curiosamente, ou talvez não!!!, sente-se que das suas acções resulta um justo equilíbrio entre o prazer de dar e o enriquecimento pessoal.

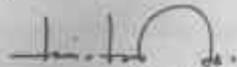
Por isso falamos da 25.ª hora, de um tempo que, parecendo virtual, se fomos bons organizadores/empreendedores se pode transformar em real.

A história recente das sociedades afastou-nos, de algum modo, uns dos outros, em vez de tempo livre para criar deu-nos tempo para consumir, ensinou-nos a romper com a tradição da solidariedade; seremos nós capazes, agora, de romper com a tradição da história recente?

“Mais do que certezas em resposta às nossas incertezas de amanhã, qualquer reflexão sobre o futuro traz-nos incertezas às nossas certezas presentes.”

(Edgar Morin, *in, o Método*)

Esperemos que esta edição da DIRIGIR seja o prenúncio dos tempos que se avizinham, os da solidariedade na acção.



Félix Estanino

Voluntariado

Um Tempo do Seu Tempo

RUBEN EIRAS

Jornalista



“Ser Voluntário é a Plenitude da Cidadania”

Quem não é voluntário, está a fugir às suas responsabilidades de cidadão e de ser humano. É o que afirma com veemência Maria Barroso Soares, presidente da Cruz Vermelha, num depoimento à Dirigir. Além disso, aquela responsável frisa que o processo de globalização que o Mundo atravessa também implica uma globalização do voluntariado, para ajudar a aplacar “os focos de violência” e sarar as suas feridas com maior celeridade.

MARIA BARROSO SOARES

Presidente da Cruz Vermelha Portuguesa

Dirigir — *Actualmente, qual é o grau de necessidade do voluntariado no cenário mundial?*

Maria Barroso Soares — Dado o estado actual do Mundo, cada vez mais a acção humanitária é exigida. São os conflitos que resultam da apetência pelo poder, dos desequilíbrios económicos, da intolerância e, por via dela, da recusa da concertação e do diálogo. Assim é que assistimos a focos de violência um pouco por toda a parte, nenhum continente saindo incólume deste terrível processo. A tecnologia progride e dá-nos a possibilidade de saber tudo o que acontece, longe ou perto de nós. Não podemos, pois, argumentar com a distância para fugirmos à responsabilidade que nos cabe como cidadãos do Mundo que somos. Depois, é a consciência de pertença a uma e mesma família que é a Humanidade, a qual solicita o nosso envolvimento.

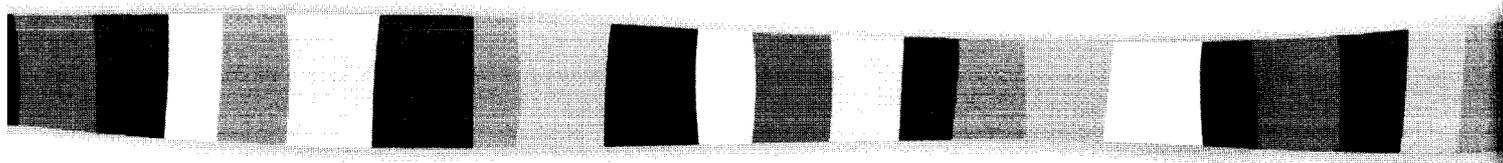
Dirigir — *Essa é uma ideologia que é proclamada pela maioria das religiões eclesiásticas.*

M. B. S. — Sim. Todas as grandes religiões, aliás, proclamam esse mandamento de amor ao próximo que a nós, Portugueses, nos chega dos começos da nossa cultura judaico-cristã — “ama o teu próximo como a ti mesmo”, reza a Bíblia. “O homem perfeito é o mais útil aos outros”, proclama também o Corão. Portanto, da lonjura dos tempos nos vem este apelo a unirmo-nos para, num esforço comum, exprimirmos a nossa solidariedade para com os outros, para lhes

transmitirmos a mensagem tranquilizadora de que não estão sós. Por isso apareceram diversas formas de união de esforços, em jeito de ordens religiosas óu de simples grupos que, voluntariamente, se propuseram desencadear acções para minorar o sofrimento de alguns. É o caso das ordens religiosas e militares na Idade Média, é o caso da nossa instituição da Cruz Vermelha, já no século XIX, entre outras evidentemente. A Cruz Vermelha Portuguesa assenta a sua actividade, em grande parte, na acção do voluntariado.

Dirigir — *Qual foi o principal impulso para o desenvolvimento das actividades de voluntariado?*

M. B. S. — Todas nasceram de um impulso de caridade, encarando esta no seu sentido mais nobre, isto é, como uma das ideias mais fecundas da moral: não como esmola, não como relação unilateral entre o que dá e o que recebe, entre um ser superior e outro que é inferior. Caridade afinal entendida como solidariedade, desfazendo esta todos os equívocos que poderia trazer uma interpretação imperfeita da caridade. Ambas, para mim, têm um sentido de justiça social, de procura de proximidade com quem sofre e precisa de apoio e socorro. “Vemos, ouvimos e lemos — não podemos ignorar”, diz Sofia de Mello Breyner num dos seus admiráveis poemas. Invocar o nosso desconhecimento é uma forma não verdadeira — e até desastrada ou mesmo cobarde — de não assumirmos os nossos deveres de cidadãos para com o sofrimento alheio.



“São aquelas pessoas que realizam algumas actividades em favor dos outros indivíduos ou grupos, porque querem e porque amam.”

Dirigir — *Quais são as exigências inerentes a quem decide exercer uma actividade de voluntariado?*

M. B. S. — O exercício desta caridade ou solidariedade exige que aqueles que as querem praticar se juntem ou se constituam em grupos de pessoas que, para lá dos seus deveres profissionais e sociais, dedicam parte do seu tempo à actividade que desenvolvem, não a favor de si nem dos seus amigos, mas a favor de outros mais carenciados, a nível material ou a nível espiritual e social, segundo um projecto que se não esgota na própria intervenção mas que pretende erradicar ou modificar as causas da necessidade ou da marginalização social. Citando o Padre Feytor Pinto, numa brochura sobre o voluntariado há uma definição muito bela dos voluntários: “São aquelas pessoas que realizam algumas actividades em favor dos outros indivíduos ou grupos, porque querem e porque amam.”

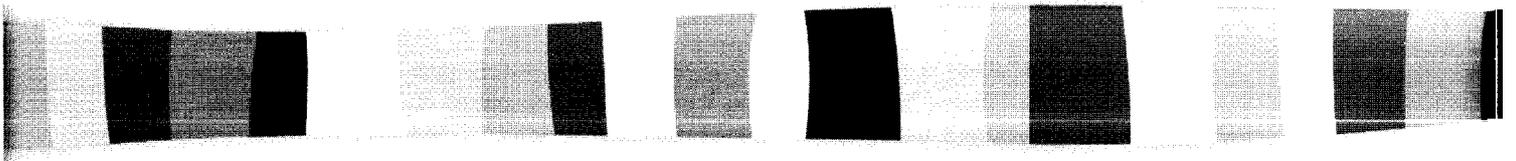
Dirigir — *Como define o voluntariado do século XXI?*

M. B. S. — Um voluntariado não é hoje uma mera disponibilidade de tempo e de boa vontade, mas exige uma preparação para a correcta adequação ao sector onde se exerce a sua acção humanitária. Por isso o enorme esforço e constante preocupação com a qualidade da preparação dos voluntários, quer eles actuem junto das crianças desprotegidas, dos idosos isolados ou em situação de grande carência —

material ou afectiva —, dos mais marginalizados e necessitados de apoio e formação profissional, para uma melhor integração na sociedade, dos que pedem auxílio em situação de grande necessidade.

Dirigir — *Sendo 2001 o Ano Internacional do Voluntariado, que mensagem deseja transmitir?*

M. B. S. — Apenas queremos chamar a atenção para o esforço que os nossos voluntários fazem, generosa e determinadamente, em cada momento. Porque a acção é a mesma, seja ou não seja ano de voluntariado — todos os anos, afinal, o são para nós. O voluntariado é a alma da nossa instituição, é a forma que ela tem de contribuir para a construção de um Mundo melhor e mais fraterno. Diz J.C. Lossier, no livro *O Serviço da Cruz Vermelha*: “A obra do socorro voluntário constitui um capital moral, uma possibilidade para muitos num universo duro e anónimo de prestar uma assistência fraterna... lutando contra estas chagas da nossa época que são o isolamento e a incompreensão, diminui-se ao mesmo tempo a agressividade que daí resulta.” Espírito de serviço, amor ao próximo e assunção da responsabilidade cívica caracterizam a acção do voluntário, abrindo o caminho a um mundo de fraternidade e de paz.



*São ilustres anónimos que a maior parte
do tempo passam despercebidos
e ignorados pelos holofotes
da comunicação social.*

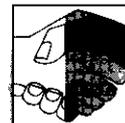
*São os voluntários, homens e mulheres
de várias idades, formações e estratos
sociais que dão do seu tempo e energia
aos outros sem esperar nada em troca,
a não ser um mundo melhor,
nem que seja cinco
minutos num sorriso de uma criança.*

●
PERGUNTAS

- 1
Porque se decidiu pelo voluntariado?
- 2
Qual foi a experiência que mais o(a) marcou?
- 3
Quais são os maiores benefícios
que colhe da actividade voluntária?
- 4
Qual é a leitura que faz da situação
do voluntariado em Portugal?
- 5
Mensagem

SANDRA BAÍA

*Idade: 21 anos, solteira. Actividade profissional: trabalhadora-
-estudante: frequência do 3.º ano da licenciatura em Relações
Internacionais no Instituto Superior de Ciências Sociais
e Políticas (ISCSP) e assistente de vendas na Wurth.
Actividade voluntária: apoio a crianças de risco
(por conta própria) e Liga Portuguesa dos Animais.*



1. O espírito de voluntariado foi-me impregnado desde pequena. Não me sinto completa sem ajudar. Tinha 18 anos quando comecei por apadrinhar crianças com grandes carências afectivas. Isto foi na altura em que ajudei uma amiga que estava a tirar um curso de psicopedagogia curativa na Universidade Moderna a organizar um dia de confraternização no Bairro do Fim do Mundo. Iniciei relações de convívio com todas as famílias e neste momento sou madrinha de três crianças. Mas nunca me liguei a nenhuma organização. Sou independente.
2. A experiência que mais me marcou foi a da primeira criança que eu apadrinhei, um menino mulato que ficou órfão. Não podia ficar com ele, só que a criança sofria de problemas psicológicos com alguma gravidade, os quais se se desenvolvessem teriam efeitos irreversíveis. Trabalhei em conjunto com uma assistente social e conseguimos arranjar uma pessoa para cuidar dele, por acaso uma das minhas melhores amigas.
3. O maior benefício que retiro é o equilíbrio social e psicológico. Pode ser um sentimento egoísta, mas se fazer o bem nos faz sentir bem, acho que vale a pena.
4. O voluntariado tem evoluído favoravelmente, mas ainda existem muitas pessoas reticentes em aderir às organizações voluntárias, por um lado pela falta de credibilidade dessas mesmas e, por outro lado, pelos interesses subjacentes a cada organização. Além disso, as organizações voluntárias têm que ser mais activas na captação de voluntários.
5. Pensar que nos outros pode estar um pouco de nós.

MARIA ANA INFANTE

Idade: 22 anos, solteira. **Actividade profissional:** estudante do 12.º ano; vai concorrer à licenciatura em Serviço Social.
Actividade voluntária: apoio a crianças de risco na SOL e chefe de guias nos escuteiros.



1. Tinha tempo livre e sentia necessidade de dá-lo aos outros e de ser útil.
2. Ir todos os dias à associação e as crianças reconhecerem-me quando lá chego.
3. Por uns momentos pensei em desistir do voluntariado, porque o meu ritmo de vida não permitia dedicar-me como eu queria. Também desejava trabalhar. Mas depois meditei sobre o assunto e decidi que era mais importante estar com as crianças. Tive que abdicar mais da minha vida social mas sinto-me satisfeita com a minha escolha.
4. Cada vez mais as pessoas estão sensibilizadas para o voluntariado. Mas é preciso mais iniciativa, mais acção e menos palavras. Devia existir uma entidade onde estivesse centralizada toda a informação relativa ao voluntariado.
5. As pessoas deviam dedicar, pelo menos uma vez por semana, um tempo para voluntariado. Mas não podemos estar à espera de mudar tudo, nem de agradecimentos e louvores. É um contrato moral com a Humanidade.

MARIA MANUELA SILVA

Idade: 48 anos, casada, uma filha. **Actividade profissional:** empregada de escritório. **Actividade voluntária:** Liga dos Amigos do Hospital do Barreiro (apoio aos pacientes com doenças infecto-contagiosas); grupo social da Igreja.



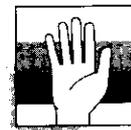
1. Comecei há dois anos. Achava que tinha uma vida problemática, mas depois de contactar com muitos casos vi que não era tanto assim. Os meus problemas

são grãos de areia numa praia. Sinto-me mais alegre. Faço voluntariado aos fins-de-semana, na parte da tarde, por umas três ou quatro horas. Dou apoio social e psicológico e faço companhia aos doentes mais dependentes. Às vezes acompanho alguns doentes em fase terminal até ao seu último suspiro.

2. As experiências que mais me marcaram foi a de um rapaz que ficou sem fala aos 30 anos por causa de uma trombose e ter ajudado uma família guineense a integrar-se.
3. O maior benefício que colhi foi o meu crescimento interior. Dá sentido à minha existência e dá-me um bem-estar interior. É muito gratificante ver o melhor de mim nos outros.
4. O voluntariado é reduzido em Portugal. Cada um está metido na sua "concha", ou seja, os Portugueses ainda são muito individualistas e egoístas e pouco solidários.
5. É preciso trabalhar para uma maior integração social e o voluntariado é o caminho. Mas é preciso amor por aquilo que fazemos voluntariamente.

OLIVIER COSTA

Idade: 26 anos, solteiro. **Actividade profissional:** bombeiro sapador. **Actividade voluntária:** bombeiro voluntário.



1. Comecei em 1991. Entrei pelo sentimento de aventura. Acabei por me tornar profissional porque é um trabalho muito gratificante. É o que me atrai.
2. A primeira vez que vi um cadáver e uma criança atropelada. Mudou o meu conceito sobre o valor inestimável da vida.
3. Sentir-me bem comigo próprio e realizar-me profissional e pessoalmente.
4. A maioria das pessoas ainda não estão sensibilizadas e não têm noção do que é o voluntariado. No caso dos bombeiros voluntários é um bocadinho diferente, porque já existe uma tradição na sociedade portuguesa.
5. Tornamo-nos mais ricos, porque damos sem que nos peçam e sem esperar nada em troca.

EDMUNDO RODRIGUES

Idade: 72 anos. **Actividade profissional:** reformado; licenciado em farmácia pela Universidade de Lisboa.

Actividade voluntária: Assistência Médica Internacional (AMI), departamento de logística.



1. Reformei-me e tinha muito tempo livre. Escolhi a AMI há nove anos atrás, por causa da minha profissão. A minha função é recolher os medicamentos, verificar o seu prazo de validade e atender pedidos. Agora vou menos tempo, só uma vez por semana.
2. Ocupar o meu tempo sendo útil aos outros e colaborar numa organização que admiro imenso.
3. Há ainda um grande caminho a percorrer no voluntariado. Existe muito comodismo e pouca vontade de trabalhar para os outros. Um dos possíveis incentivos seria um maior apoio governamental nos custos de transportes e de refeições. Conheço muitos reformados que não são voluntários por causa disso, porque as pensões são magras.
4. Não respondeu.
5. Só se tem a ganhar a ser útil para a Humanidade.

MARGARIDA TRAVASSOS

Idade: 39 anos, casada, três filhos. **Actividade profissional:** jurista.

Actividade voluntária: vice-presidente da secção portuguesa da Amnistia Internacional (AI).



1. Há cinco anos atrás decidi parar de exercer advocacia por razões éticas e familiares. Encerrei o escritório e estive parada durante uns tempos. Iniciei um mestrado em Direito Penal Internacional e entrei em

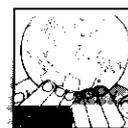
regime de *part-time* na AI. Agora estou em *full-time* e ainda faço uma ou duas horas por semana de voluntariado no Centro de Convívio e Paroquial da Parede. Muito do trabalho da AI faço-o em casa, no meu escritório.

2. Sentir-me bem. É um bocado egoísta, mas é preciso fazer alguma coisa para melhorar o Mundo. São também muito gratificantes os contactos com culturas diferentes das nossas.
3. Foi no período antes e pós-referendo de Timor. Foi muito comovente. O cordão humano foi um dos raros casos de mobilização da sociedade civil portuguesa, além do 1.º de Maio de 1974. Os momentos em que chegam cartas a agradecer uma acção e quando se consegue alguma vitória menor, como a alteração de uma lei ou a marcação da agenda política.
4. Não está muito bem. É preciso apoiar os reformados que querem ser voluntários, incentivar os jovens a exercer voluntariado e sensibilizar os empresários para libertarem os empregados para esta actividade. Mas ainda bem que temos uma lei que regula o voluntariado e facilita a vida aos verdadeiros voluntários. Só que é preciso uma maior divulgação.
5. Não arranjar desculpas. Não acredito que não exista uma hora por mês para dedicar aos outros.

BRUNO CAPELA

Idade: 24 anos, solteiro. **Actividade profissional:** estudante do 4.º ano da licenciatura em Serviço Social na Universidade Católica.

Actividade voluntária: Associação de Apoio à Vítima (APAV).

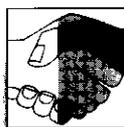


1. Sempre fiz voluntariado desde muito novo, tendo começado no Banco Alimentar. É uma forma de aperfeiçoar as minhas competências profissionais.
2. As dificuldades para ajudar quem é vítima, como a morosidade da justiça, a falta de recursos e de centros de acolhimento. Muitas vezes temos que colocar as pessoas numa pensão.

3. A valorização pessoal e profissional. Sinto que recebo muito quando estou a contribuir para a sociedade.
4. O voluntariado é muito importante no trabalho social e não deve ser substituído. É preciso um maior foco da comunicação social nestas questões.
5. Há que intervir e não ser passivo, para que a sociedade civil reforce o seu poder.

ANA CRISTINA FIGUEIREDO

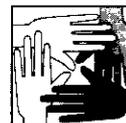
Idade: 36 anos. **Actividade profissional:** jurista (Direito do Ambiente). **Actividade voluntária:** apoio jurídico na Quercus, duas horas por dia.



1. Sempre fiz voluntariado, muito diversificado: apoio jurídico, administrativo, a populações carenciadas e doentes mentais. Não é por escolha, mas sim por dever.
2. Os momentos que passei com os doentes mentais. Dei um valor diferente ao bem da saúde, porque temo-lo como adquirido. Quando vi os vegetativos, mudei completamente.
3. A minha vida ganhou um sentido acrescido de utilidade, mas não tenho a consciência anestesiada. Sei que posso fazer mais e melhor.
4. O voluntariado ainda é escasso em Portugal, com raras excepções, como o Banco Alimentar, que possui uma amplo leque de colaboradores. O povo português é um pouco individualista e tem poucos hábitos de associativismo. Além disso, a nossa sociedade tem muitos estímulos e solicitações para actividades de lazer, muitos delas de carácter solitário (*e-mail*, Internet, TV) e a divulgação do voluntariado ainda é parca.
5. São precisas mais pessoas. Há muitas carências e quem puder dar um bocadinho do seu carinho e afecto é bem-vindo.

MARIA OLIVEIRA

Idade: 23 anos, solteiro. **Actividade profissional:** estudante do 4.º ano da licenciatura em Sociologia do Trabalho do ISCSP. **Actividade voluntária:** Cerci — Apoio e acompanhamento de crianças com deficiências mentais; catequese em Bicesse, Cascais.



1. Acho que devo dar um pouco de mim a uma minoria como aquela. Se não existissem voluntários, não seriam tão felizes, não teriam novos horizontes.
2. Quando ministrei catequese. Tinha a percepção de que tinha ensinado algo de útil.
3. Sinto-me mais rica, com mais valores e mais tolerante para com as outras pessoas, especialmente as mais pobres, as com deficiências e as crianças. Mas tornei-me mais exigente, porque vemos o potencial que as outras pessoas têm e não aproveitam.
4. Devia haver mais incentivo e motivação por parte do Estado com a criação, por exemplo, de um certificado de mérito e através de acções de sensibilização e consciencialização logo no primeiro ciclo escolar, junto das autarquias e juntas de freguesia.
5. É preciso despertar as consciências adormecidas. Às vezes dar um sorriso já dá alegria. E toda a ajuda é valiosa, nem que seja por cinco minutos.

A Revolução dos Costumes

A geração de 60 teve o mérito de fazer uma verdadeira revolução social ao acabar com alguns tabus, esbater a barreira entre os sexos, as raças e as gerações e terminar com muitos mitos e preconceitos:

Mas quando vemos uma discoteca fazer as funções de *baby-sitter*, os *reality shows* como campeões

de audiências, a pornografia ao alcance de um clique e os valores materiais sobreporem-se aos princípios da ética, da solidariedade e da cidadania, apetece perguntar se a geração de 60 estaria preparada para ter filhos e lhes transmitir os valores que defendeu!...



CARLOS BARBOSA DE OLIVEIRA

Jornalista

Viveram empolgados o Maio de 68. Idolatraram Cohn Bendit e os seus pares. Vibraram com Woodstock e elegeram como *slogan* o *make love not war*. Usaram flores na cabeça e vestiram *jeans* coçados comprados nas docas a marinheiros de passagem pelo Cais do Sodré. Hoje, trocaram as flores pelos cartões de crédito, Cohn Bendit por Michael Porter, os *jeans* por gravatas de padrões psicadélicos e a leitura do *Salut Les Copains* pelo *Financial Times*. Ao interesse pela evolução dos *top-ten*, sucedeu-se uma crescente atenção às cotações da bolsa. Trocaram o “é proibido proibir” pela prática do “é obrigatório consumir” e venderam a liberdade às instituições bancárias, endividando-se para saciar a voracidade consumista.

Falamos, obviamente, da geração de 60 — que em Portugal pouco se fez sentir —, defensora de valores cuja concretização foi incapaz de cumprir. Exemplos desse falhanço? Aqui vão alguns...

Em Inglaterra, a mãe de todas as democracias, as crianças são proibidas de sair de casa sozinhas entre as 21 horas e as 6 da manhã, sob o pretexto de combater a criminalidade; nos Estados Unidos, os pais passam a ser co-responsabilizados pelos crimes dos seus filhos (medida que, aliás, está também a ser equacionada em França...); em Portugal, jovens declaram perante as câmaras da televisão que bebem álcool e consomem *ecstasy* porque “só assim é que a noite faz sentido”, e abre uma discoteca para crianças até aos 16 anos, entre as 19 e as 24 horas, para que os pais se possam divertir livremente nas noites de fim-de-semana. Perante estes exemplos, somos levados a interrogar-nos se a geração de 60 estaria preparada para ter filhos e transmitir-lhes os seus valores.

Assim colocada, a questão pode parecer, pelo menos a alguns leitores, conservadora e até um pouco reaccionária. Mas sosseguem desde já os que assim pensam, pois não me incluo no lote daqueles que condenam a geração de 60 (na qual orgulhosamente

me incluo, e que vivi bem por dentro na então longínqua Inglaterra) e a acusam de ter dado origem a uma “geração rasca” (nem sou um saudosista de tradições passadas). É certo que me entristece ver alguns jovens já envelhecidos por dentro, lutando por protagonismo num mundo onde a competitividade se substituiu à solidariedade, mas não caio na veleidade de “tomar a nuvem por Juno” e confio que serão capazes de construir para os seus filhos um futuro melhor do que aquele que herdaram de nós. Filha de uma geração que viveu a guerra (com todas as consequências comportamentais que um conflito armado implica), a geração de 60 foi “moldada” em escolas de disciplina férrea, contos de fadas e revistas de “quadrinhos”, onde a referência aos valores da família eram uma constante e as diferenças entre sexos e gerações pareciam inultrapassáveis. A família estava organizada e era um bastião inexpugnável, onde pai e mãe tinham papéis diferenciados e bem definidos. Aos homens estava reservado o papel de sustentar a casa e a família, e às mulheres a ingrata missão de serem mães e donas de casa, “braço armado” da família em termos de complementaridade educativa. No período pós-escolar, rapazes e raparigas distribuíam o seu tempo de forma desigual. Eles estudavam e brincavam, elas ainda tinham que reservar algum tempo para ajudar nas lides da casa e aprender algumas actividades que as creditassem no futuro como boas mães e esposas. A hora do jantar era o momento de reunião de toda a família e servia para fazer o balanço diário, pausa de reflexão conjunta que constituía também de momento “educativo”, onde se inculcavam alguns valores que ajudavam a perpetuar a “saga familiar”. A televisão, à qual ainda não fora atribuído o epíteto de “caixa que mudou o Mundo”, era encarada como passatempo ocasional e vista em família, até que o pai decretasse serem horas de os filhos irem para a cama. E (pensavam os pais na época) assim continuaria a ser para sempre.

Os Acontecimentos que Mudaram o Mundo

As décadas de 70 e 80 marcaram o nascimento dos filhos da geração de 60. Ao longo de 20 anos ocorreram mudanças profundas a nível social, económico e político. O Mundo mudou radicalmente em 20 anos. Mudaram-se hábitos e mentalidades. Mudaram-se os dicionários, os livros e as revistas. Mudou-se a televisão, os comportamentos sociais e o nosso vocabulário. Mudou a escola, a economia, o

<p>1970</p> <p>Germaine Greer publica <i>O Eunuco Feminino</i>, um livro que dá início ao feminismo de "segunda vaga", no qual a autora defende que as feministas dos anos 70 devem lutar pela igualdade sexual e económica. As sufragistas passavam à História.</p>	<p>1971</p> <p>É inventado o microprocessador (<i>chip</i>). Estava dado o primeiro passo para a era da electrónica.</p>	<p>1972</p> <p>A sociedade de consumo mostra a sua raça ao convencer Mark Spitz (vencedor de sete medalhas de ouro nos Jogos Olímpicos de Munique) a trocar a natação por chorudos contratos publicitários.</p>	<p>1974</p> <p>Uma crise energética põe o Mundo à beira de um ataque de nervos. Em Inglaterra as fábricas só podem laborar três dias por semana e começa a falar-se com insistência na energia nuclear. A sociedade de consumo vacila... mas não cai. Quem cai é uma ditadura de 40 anos em Portugal. Com o 25 de Abril o povo saía à rua.</p>
<p>1981</p> <p>Enquanto na Califórnia são detetados os primeiros casos de SIDA entre a comunidade gay, na vizinha Espanha rebenta o escândalo do óleo de colza que mata 60 pessoas e afecta outras 50 mil. Os problemas da segurança alimentar não mais deixarão de estar na ordem do dia, mas a <i>fast-food</i> ainda tem um futuro promissor à sua frente.</p>	<p>1982</p> <p>O Banco Mundial avalia (por defeito) em 750 milhões o número de pessoas no Planeta que padecem de fome e vivem abaixo do limiar de pobreza e a CEE destrói um milhão de toneladas de frutas e legumes em bom estado. A economia começa a falar mais alto do que a solidariedade. A revista <i>TIME</i> elega como Homem do Ano o PC (Computador Portátil).</p>	<p>1984</p> <p>Mais de duas mil pessoas morrem depois do desastre ecológico de Bhopal, provocado pela libertação de gás venenoso de uma fábrica americana de produtos químicos. Outras 200 mil ficam cegas e com deficiências renais ou hepáticas. A empresa promete indenizações idênticas às que paga a cidadãos americanos, mas o acidente não impede que os ecologistas reajam cada vez com mais convicção.</p>	<p>1985</p> <p>Gorbachev chega ao poder na URSS e deixa o Ocidente expectante. Uma nova palavra começa a fazer parte do vocabulário ocidental: <i>Perestroika</i>. A realização do concerto de solidariedade <i>Live Aid</i> vem mostrar que, apesar de a solidariedade estar em decadência, ainda há quem se preocupe com os problemas dos mais desfavorecidos. A Europa começa a ouvir falar de "holigianismo" quando adeptos ingleses estragam a final da Taça dos Campeões Europeus, provocando distúrbios que deram origem a 38 mortos e 454 feridos. Em Portugal os Portugueses fazem filas — para levantar dinheiro nas ainda escassas caixas de multibanco e nas agências que recebem as primeiras apostas do Totoloto. As agências de viagens andam namoradas a organizar excursões de todo o País para Lisboa. Motivo: nas Amoreiras acaba de ser inaugurado o farral da sociedade de consumo — O Centro Comercial das Amoreiras. Dez anos depois, os Portugueses ri-se-ão das suas reduzidas dimensões e farão dos centros comerciais o seu passeio favorito aos fins-de-semana.</p>



mercado financeiro, o modo de vestir e a vida familiar. Mudou a forma de ocupação de tempos livres, o diálogo entre pais e filhos e a forma de comunicar. Mudaram as relações e os hábitos de trabalho com o aparecimento das novas tecnologias e a electrónica revolucionou o nosso quotidiano. Aumentaram as preocupações em relação ao futuro, o endividamento das famílias e a população.

Mudaram os gostos musicais e a canção de protesto deu lugar à música "pimba". Os valores de referência foram-se alterando e nos anos 90 o Mundo estava diferente. É importante, por isso, relembrar alguns factos ocorridos ao longo dessas duas décadas para melhor podermos compreender como eles contribuíram para a mudança de comportamentos e a aquisição de novos valores.

<p>1976</p> <p>Morre Mao Tse Tang, uma das grandes referências para alguns grupos de jovens dos <i>szédes</i>.</p>	<p>1977</p> <p>A <i>Coca-Cola</i> chega finalmente a Portugal, acompanhada por uma telenovela que fará furor: <i>Gabriela, Cravo e Canela</i> vai obrigar muitos portugueses a mudar os seus hábitos. Lá por fora os movimentos extremistas continuam a fazer das suas e os Baader Meinhof assassinam o patrão da Mercedes, em protesto contra o capitalismo.</p>	<p>1978</p> <p>Sucedem-se os desastres ecológicos, fazendo aumentar as preocupações ambientais. Nasce o primeiro bebé-proteta.</p>	<p>1980</p> <p>A televisão entra numa nova era com o aparecimento da CNN.</p>
<p>1986</p> <p>Os ecologistas estavam furtos de aviar, mas ninguém lhes deu ouvidos e a tragédia aconteceu. Em Chernobyl explode um reactor de uma central nuclear, libertando para a atmosfera uma gigantesca nuvem de radiações que atinge vários países europeus.</p>	<p>1987</p> <p>Nos Jogos Olímpicos de Seul, Ben Johnson faz batota para bater o recorde mundial dos 100 metros. O uso de anabolizantes transforma-o de ídolo em excluído. As malhas de controlo antidoping vão apertar, cada vez mais, na tentativa (infrutífera) de repor a verdade desportiva. Como o futuro demonstrará, a indústria farmacéutica anda sempre um passo à frente do controlo.</p> <p>A liberdade sexual está ameaçada: a SIDA alastra como uma praga e atinge já cinco milhões — o número de portadores do vírus HIV. Já ninguém acredita que se trate de uma doença que só afecta os gays.</p>	<p>1988</p> <p>Em Portugal, um jogo de sociedade vai mudar os hábitos dos portugueses. Chama-se <i>Trivial Pursuit</i>, mas como (quase) tudo na sociedade de consumo, o seu sucesso dura pouco tempo. Surgem alguns sucedâneos, mas com pouco sucesso.</p>	<p>1989</p> <p>Cai o Muro de Berlim e com ele os regimes comunistas. O Mundo vai mudar radicalmente e, não tarda muito, vai começar a falar-se de globalização.</p> <p>Os <i>hippies</i> dão lugar aos <i>yuppies</i>, que circulam em carros topo de gama e usam fatos de marca, cartão de crédito e telemóvel — um aparelho ainda reservado apenas a alguns mais endinheirados, pois o seu preço elevado é proporcional ao volume dos primeiros aparelhos que chegam a Portugal. No entanto, não tardará muito até que um restaurante lisboeta se veja obrigado a afixar à porta "Proibida a entrada a cães e telemóveis".</p>

De Repente... o Turbilhão!

Contudo, a geração de 60 recusou assumir-se como um conjunto de protagonistas dos livros de Colette e da Condessa de Ségur. Atingida a idade adulta, sem que nada o fizesse prever, e como se o movimento de rotação da Terra tivesse acelerado bruscamente, o Mundo mudou radicalmente e a pacata vida familiar transformou-se num turbilhão de correrias desenfreadas.

Um número da *Dirigir* não seria suficiente para falar das transformações ocorridas nos últimos 40 anos (ver caixa: Os Acontecimentos que Mudaram o Mundo).

Grande parte destas transformações foi protagonizada pela geração de 60 e pelos seus descendentes, que cresceram a par de uma sociedade de consumo que foi impondo os seus valores e as suas regras, primeiro de forma discreta, agora descaradamente.

Os resultados estão à vista e compete a cada um de nós fazer a sua avaliação (se é que a sociedade de consumo nos deixa algum espaço para reflectir... mas isso é outra questão que abordarei no próximo número desta Revista).

Longe vão os tempos da vida pacata e rotineira, dos jantares e serões em família. Hoje, a maioria dos jovens não pode dizer “tenho pai, mãe e irmão e vivemos em perfeita harmonia”, porque se multiplicam os divórcios, os padrastos, as madrastas e os meios-irmãos. Obrigados a repartir o seu dia-a-dia na lufa-lufa entre a casa e o emprego, os pais não têm tempo (nem muitas vezes paciência) para estar com os filhos e a televisão assume o triplo papel de *entertainer*, *baby-sitter* e educadora. Por isso, os jovens crescem com



valores que lhes são inculcados não por uma família, mas por várias. Estão normalmente mais tempo junto da televisão ou a navegar na Internet do que com os pais.

A sociedade de consumo consagrou crianças, jovens e idosos como consumidores com autonomia e gosto próprios, valorizando a hiperdiferenciação dos comportamentos individuais e promovendo, simultaneamente, a massificação do consumo. A televisão transformou-se numa caixa pérfida que semeia ilusões, numa educadora ao serviço de uma sociedade de consumo que lança constantes apelos ao hedonismo; temas outrora proibidos, como o sexo, tornaram-se indústria de sucesso garantido, geradora de receitas fabulosas; a febre de protagonismo tem nos *reality shows* um aliado inestimável; a Internet, a par das inegáveis vantagens que aporta, tornou-se um espaço onde campeia a pornografia, a obscenidade e a violência, difícil de controlar pelos pais, mergulhados numa vida de turbilhão e frenesim, deixando pouco tempo para o convívio familiar. E quando essa oportunidade existe, é mais fácil que o convívio se faça no interior de um centro comercial, concedendo vênias à sociedade de consumo, entre lojas de marca e estabelecimentos de *fast-food*, do que numa tertúlia amigável ou numa visita cultural.

Ao fim e ao cabo, a vitória dos valores da sociedade de consumo foi o preço que tivemos de pagar pelo progresso social, económico e tecnológico que construímos. Fica por saber se não terá sido um preço demasiado caro! E se a geração de 60 afinal não terá sido, ela própria, um mito construído pela sociedade de consumo...



Anos 60 Versus Anos 90: Descubra as Diferenças

Aqui recordamos alguns dos factos mais importantes ocorridos nas décadas de 60 e 90 para que os leitores melhor se apercebam do modo como contribuíram para as mudanças ocorridas a nível dos valores.



Anos 60

Make Love Not War

Os anos 60 não foram apenas os Beatles e o Maio de 68. Foram uma revolução constante nos hábitos e costumes e a queda de barreiras consideradas intransponíveis, como o caso da conquista do espaço. Fortaleceu-se o movimento ambientalista e aumentou a consciência cívica.

A venda comercial da pílula e a introdução com sucesso do primeiro *pacemaker* são dois acontecimentos fundamentais que marcam o início da década. Em 1960, a vida começava a ser encarada de outra maneira... e o crescimento familiar já podia ser controlado.

Numa sociedade de consumo a dar os primeiros passos, a televisão marca o seu território ao contribuir para a eleição de Kennedy como Presidente dos Estados Unidos, após um debate com o rival Nixon. Dois anos mais tarde, Kennedy, percebendo a força da sociedade de consumo, enuncia perante o Senado os direitos dos consumidores, meses antes de a talidomida se sentar no banco dos réus sob a acusação, comprovada, de ter sido responsável pelo nascimento de milhares de bebés com deformações.

Nesse mesmo ano um livro de Rachel Carlson (*Primavera Silenciosa*) desperta as pessoas para a existência de um ecossistema e para a necessidade de o preservar, garantindo um ambiente saudável. Os movimentos ambientalistas ganhavam força...

Ainda em 1962, enquanto muitos choram a morte de Marilyn Monroe, os jovens descobrem em James Bond um novo herói e Andy Warhol erege-se a ícone da *pop-art*.

I have a dream, proclamava Martin Luther King em 1963, perante mais de 250 mil pessoas que desfilavam em Washington exigindo a igualdade de direitos civis para pretos e brancos.

Nesse mesmo ano Kennedy é assassinado e os Beatles empolgam a juventude, dando nova dimensão ao *rock*. Bob Dylan e Joan Baez são os expoentes máximos da canção de protesto, que dia a dia ganha novos aderentes.

O mundo da moda é varrido por um ciclone chamado mini-saia, cujo comprimento é inversamente proporcional ao dos cabelos dos rapazes, e uma esquelética modelo (Twiggy) torna-se na imagem-padrão das adolescentes. Apelando a toda a sua criatividade, a indústria farmacêutica lança-se no negócio dos produtos de emagrecimento que prometem, a



todas as mulheres que o desejem, serem iguais à famosa modelo. As *body shops* e as clínicas de emagrecimento vêm a caminho, mas ainda não se ouve falar de aeróbica porque Jane Fonda ainda estava na fase contestatária.

Londres é a Meca cultural da juventude e Carnaby Street torna-se um local de peregrinação obrigatória. A onda libertadora está em marcha e por todo lado nascem vedetas, pretas e brancas, que se mantêm nos *tops* durante meses e ajudam a ultrapassar as barreiras sociais. *West Side Story* torna-se um filme de culto.

No verão de 67, ano da morte de Che Guevara, o calor das raparigas é aliviado pelos *hot pants*, mas o ano termina com boas notícias provenientes da África do Sul em vésperas de Natal: Christian Barnard fazia, com êxito, o primeiro transplante cardíaco.

Enquanto Jim Morrison canta *We Want the World Now*, e o movimento *hippie* desponta com flores na cabeça, vivem-se tempos empolgados em França devido à crescente contestação dos estudantes que rapidamente alastra aos trabalhadores e se propaga um pouco por toda a Europa. Estamos em 1968, um ano antes de o homem chegar à Lua e de Stanley Kubrick lançar *2001: Odisseia no Espaço*.

Ainda nesse ano um grupo de cientistas apresenta um relatório preocupante: os aerossóis estão a destruir a camada de ozono e, se a sua utilização permanecer ao mesmo ritmo, o número de cancro de pele pode aumentar em oito mil casos anuais, só nos Estados Unidos. A causa ambiental ganha novos adeptos e a ONU decide avançar com a realização de uma conferência mundial sobre o ambiente, a realizar em Estocolmo em 1972.

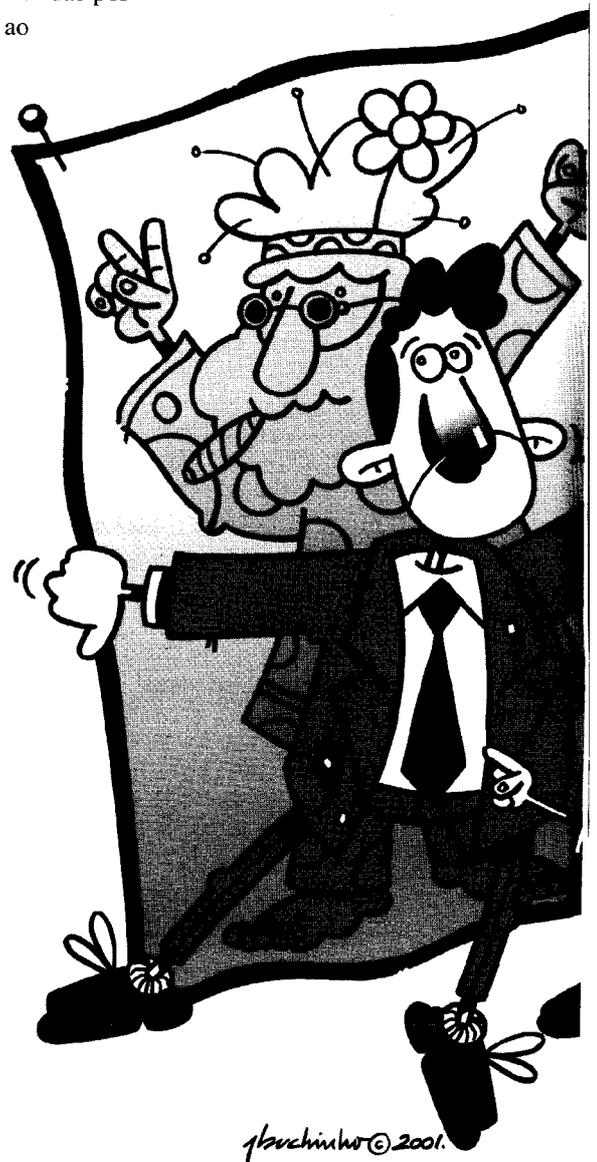
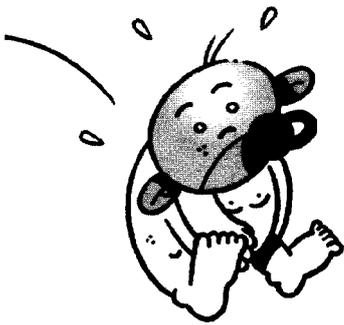
A discussão sobre o futuro do Planeta inseria-se, definitivamente, na agenda política.

Aquela que ficou para a História conhecida como a década dos *hippies* não terminou sem ver a sua consagração no cinema (*Easy Rider*) e na música (*Woodstock*). Durante três dias, meio milhão de jovens assistiu, empunhando flores e partilhando a esperança de um futuro de paz e amor, ao maior concerto do século xx. No entanto, o sonho durará pouco tempo e *Make Love not War* ficará apenas como um *slogan*.



Nem toda a Europa partilhou desta “loucura colectiva”. Abalados por uma guerra em África e vivendo sob um regime repressivo, os jovens portugueses viveram um pouco à margem dos acontecimentos da década. Enquanto John de Carlos e Tommie Smith protagonizavam a manifestação do *black power* nos Jogos Olímpicos do México e o movimento *hippie* florescia com flores na cabeça, sob o signo do pacifismo, os jovens portugueses partiam para África de espingarda na mão e instruídos para matar. No cais deixavam famílias lavadas em lágrimas e consigo levavam a fotografia da namorada, guardada entre as páginas da *Salut Les Copains*.

As notícias do que se passava lá fora eram trazidas por alguns jovens que conseguiam deslocar-se ao estrangeiro e partilhadas em espaços de convívio como os cineclubes e as universidades. Aí, durante os bailes semanais, Jane Birkin acicatava-lhes a sensualidade com *Je t'aime, moi non plus* e Zeca Afonso despertava-lhes as consciências ao som de *Eles Comem Tudo*. A verdadeira revolução de mentalidades só se deu com a Revolução de Abril e a posterior integração na União Europeia, o que ajuda a explicar que muitos dos valores que se foram alterando lá por fora a partir dos anos 60 permanecessem em Portugal durante quase duas décadas. Talvez por isso o choque de mentalidades em Portugal também se tenha feito de forma mais abrupta e repentina.



Anos 90 Do Império do Efêmero à Globalização

O triunfo do efêmero, o desenvolvimento das novas tecnologias, as novas relações laborais, as alterações da estrutura familiar, a independência da mulher ou a valorização do Eu em detrimento do grupo, provocaram alterações profundas no modelo de sociedade.

Curiosamente, embora tenha aumentado o período médio de esperança de vida, na década de 90 vive-se a um ritmo alucinante, como se o Mundo terminasse amanhã.

Ainda viveremos no mesmo Planeta?

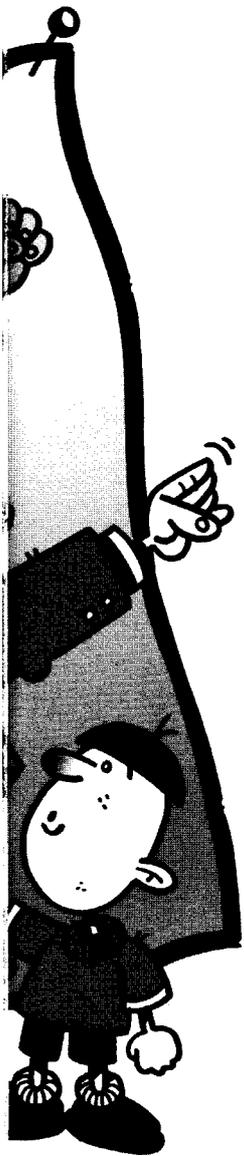
A década começou com a libertação de Nelson Mandela e o fim do *apartheid*. Parecia um bom augúrio. Contudo, na década de 90 o Mundo já não sabia viver sem problemas e por isso foi buscar um à terra das “Mil e Uma Noites”. Chama-se Saddam Hussein, mas como o nome é difícil de pronunciar e se entrou na era do facilitismo, arranjam-lhe um nome de guerra: “Carniceiro de Bagdad.”

Ao transmitir a Guerra do Golfo em directo, a CNN prenuncia o advento dos *reality shows*. A guerra dura 45 dias, exactamente metade do *Big Brother* que virá, já em pleno século XXI, a ser protagonista de outra guerra: a das audiências.

Com a queda do muro de Berlim e a URSS a desfazer-se como um *puzzle*, a Internacional Consumista ganha terreno para se expandir — de McDonalds em riste, aterra em Moscovo e depõe Lenine. Gorbatchev recebe o Nobel da Paz e fala de *perestroika*. Agradecida, a sociedade de consumo concede-lhe um dos seus mais altos galardões: dá o seu nome a uma *pizza*!

Novos actores da sociedade de consumo, os estudantes já não têm dinheiro para as propinas. Vai daí manifestam-se contra o ministro. Como não levam flores na cabeça, exibem os traseiros...

Em 1992 a esperança de uma televisão melhor nasce com a SIC, mas dura pouco tempo. No entanto, a aposta no poder do dinheiro revela-se acertada. Por meia dúzia de contos encontra-se uma centena de jovens dispostos a despir-se em palco. Desta vez a Igreja e os espíritos mais conservadores não reagem contra a ofensa dos costumes com a mesma tenacidade com que protestaram contra a exibição de *Pato com Laranja* pela RTP. O que os preocupa é o *Império dos Sentidos* e *O Evangelho Segundo Jesus*



Cristo de José Saramago. A sociedade de consumo ri-se baixinho e prepara uma investida em grande estilo: os *reality shows* com cenas de sexo ao vivo estão a caminho. A qualquer hora e em qualquer lugar...

Nesse mesmo ano o ambiente está de novo no centro das atenções durante três semanas: no Rio de Janeiro discute-se o futuro da Terra entre reuniões sisudas e o ritmo do samba. Resultado final? Um empate que obrigará a prolongamento. Até hoje...

Depois das auto-estradas de betão, as auto-estradas da informação. Mas nestas não andamos... navegamos sem pagar portagem. A conta vem no fim do mês como a dos telefones eróticos. Falo, claro está, da Internet, que se dera a conhecer ao Mundo em 1993, prometendo revolucionar os já tão alterados hábitos de milhões de pessoas em todo o Mundo. E cumpriu. Em 1995, sem sair de casa, já podemos visitar o Guggenheim, fazer transferências bancárias, organizar viagens e comprar quase tudo o que quisermos. Com os computadores também se criam efeitos especiais. Começou a era da realidade virtual e os cartões de visita passam a incluir o endereço electrónico. Mas “a procissão ainda vai no adro”... não tardará muito até que países como a França, indignados com a promiscuidade da rede, ameacem impedir o acesso a determinados *sites*. É que a Internet também está nas escolas e não serve apenas para facilitar o estudo das matérias escolares...

Na moda é tempo de *wonderbra* e as *top-models* são pagas a peso de ouro para desfilarem nas principais cidades europeias. Para os amantes da informática, o progresso chama-se Windows 95. Em Nova Iorque, as lojas de computadores oferecem *pizzas* aos compradores do novo sistema e em Londres a Microsoft oferece uma assinatura da *Times*. É o *marketing* a funcionar à escala global.

Em 1996 os hábitos alimentares são abalados com a doença das vacas loucas. Durante sete anos foi possível fingir que nada se passava, mas agora ninguém esconde a situação e quem sofre é o bife e “as iscas com elas”. Incólume permanece o *hamburger*. E quando as galinhas acordam em Hong Kong com gripe e nos Países Baixos com *overdose* de dioxinas, o Mundo interroga-se: e agora que vamos comer?

Os alimentos transgénicos prometem salvar a Humanidade, mas poucos são os que acreditam nas suas virtudes. Entretanto, se em 1969 o Ocidente dançava ao som de *Hello Dolly*, em 96 Dolly é nome de ovelha, cujo nascimento permanecerá em segredo até



ao ano seguinte: trata-se de um clone concebido sem pecado, mas parte da comunidade científica não a vê com bons olhos, receando desenvolvimentos futuros. O *El Niño* passou o ano a fazer das suas, ateando fogos aqui e provocando inundações acolá, mas poucos foram os que deram ouvidos aos seus alertas. O mundo continua preocupado em consumir e com as cotações da Bolsa. O ambiente pode esperar.

No final do ano, em Santiago do Chile, organizações de consumidores de todo o Mundo reúnem-se para o último congresso do século. Em debate estão os grandes desafios do século XXI: os info-excluídos, os alimentos transgênicos, a segurança alimentar, o consumo ético, o acesso à justiça, o crédito ao consumo, o desenvolvimento sustentável e o desafio da globalização. Sem soluções à vista, marcam novo encontro para Durban em 2000.

A realidade virtual chega aos brinquedos em 1998: a Barbie fez as delícias das crianças dos anos 60, mas o brinquedo do ano é o *tamagotchi*. Como acontece com muitas outras coisas na década de 90, o seu sucesso é, no entanto, efêmero e esfuma-se em poucos meses.

No último ano do século, vende-se de tudo na Net, o endividamento das famílias aumenta para valores incomportáveis e as pessoas esperam com ansiedade pelo *Bug* do ano 2000. Nada de anormal

sucede, mas a surpresa vem de Seattle com os mega-distúrbios de protesto contra a globalização, que deixam a cidade a ferro e fogo.

O primeiro ano do século XXI virá demonstrar a fragilidade da economia virtual e que novas e importantes mudanças estão em curso. Aguardemos as cenas dos próximos capítulos.



Hora de Trabalho

Portugal tem o Custo mais Baixo da EU

•
NUNO DE OLIVEIRA PINTO

Professor Universitário, Auditor, Consultor de Empresas

□

Portugal tem os custos de trabalho mais baixos da União Europeia, com a hora de trabalho a custar em média sete euros (cerca de 1400 escudos) na indústria e nos serviços, menos de um terço da média comunitária. Este valor inclui as contribuições patronais para a Segurança Social e despesas com formação profissional, entre outros custos indirectos.

Os custos do trabalho na Grécia (11,8 euros) ou em Espanha (15,3 euros) eram, em 1998, o último ano que o Eurostat dispõe de valores sobre a matéria, significativamente mais altos do que os portugueses. No topo da lista estão a Alemanha, a Dinamarca e a Áustria. Entre todos os países da União Europeia o custo da sua hora de trabalho era o mais elevado, cerca de 27 euros.

De acordo com os dados do gabinete de estatística da União Europeia, em média um empregador português gastou naquele ano com um trabalhador do sector da indústria ou dos serviços cerca de 1400 escudos por hora, dos quais 53 por cento em salários, pagamentos irregulares e gratificações. Na União Europeia, o custo de uma hora de trabalho foi de 4310 escudos, valor que ultrapassa os 3570 escudos verificados nos EUA, mas ligeiramente inferior aos 4391 escudos pagos no Japão. O estudo do Eurostat revela ainda que os custos de trabalho correspondem a 75 por cento dos custos totais de produção de bens e serviços na União Europeia.



Todo o Mundo é Composto de *Mudanças...*

(BREVE CRÓNICA DO TEMPO)

JOÃO GODINHO SOARES

Engenheiro

1. No princípio, criou Deus os céus e a terra.
2. E a terra era sem forma e vazia; e havia trevas sobre a face do abismo; e o Espírito de Deus se movia sobre a face das águas.
3. E disse Deus: Haja luz. E houve luz.

(Genesis, Primeiro Livro de Moisés)

"... hoje em dia quase toda a gente admite que o Universo começou com a singularidade do big bang."

(Stephen W. Hawking, físico,
in *Breve História do Tempo*,
Ed. Gradiva, 1988)



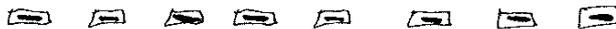
O Intervalo entre Dois Acontecimentos

É uma ideia fascinante! O início de tudo. O momento em que tudo começa. Mas, efectivamente, começa o quê? A vida não, certamente. Neste aspecto, tanto físicos como metafísicos estão de acordo — a vida só apareceu mais tarde. Então, insiste-se, o que é que começou de facto? A matéria, a luz, a energia e todas as outras formas de uma mesma realidade, de uma mesma natureza que, temos de admitir, ainda não foi totalmente revelada? Talvez. O que importa reter é que **começou**. Ou seja, **algo mudou** naquele instante inicial.

Alguna coisa começou a mudar. Quando algo muda, há o momento da mudança ou, também, a duração da mudança. É a esse momento ou a essa duração que chamamos **tempo**. O tempo só existe porque existe mudança. Sem mudança não existe tempo. Isto resolve, para já, uma das dúvidas mais prementes no espírito de muitos: existiu um momento **antes** da criação do Universo? Não. Antes do Início (do *big bang*, para os espíritos mais científicos), o tempo não existia, uma vez que não havia mudança. Logo, não houve qualquer **momento** que antecederesse o Início.

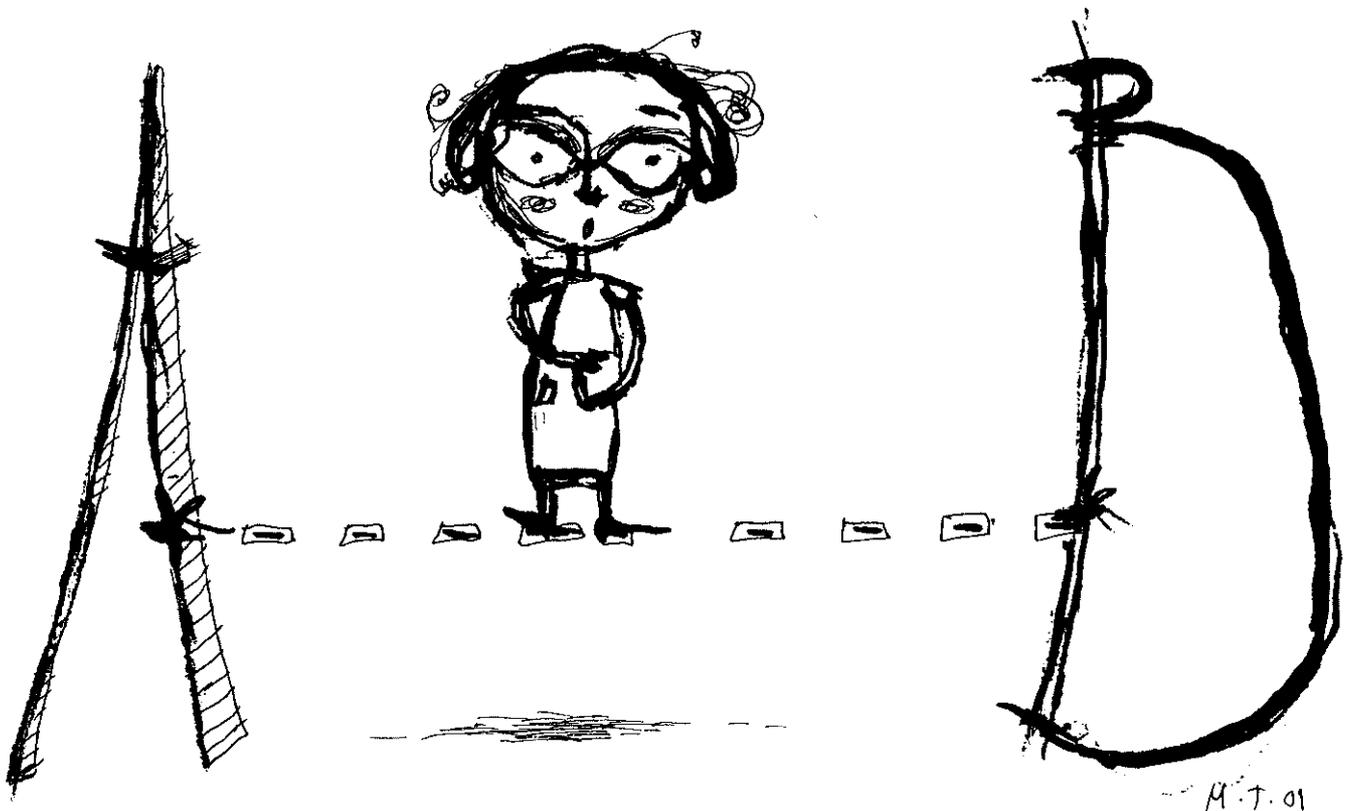
Ainda hoje a noção de tempo alimenta muita controvérsia. Algumas correntes filosóficas — e mesmo alguns cientistas — sustentam que o tempo não existe enquanto grandeza física. Estes pensadores defendem que existem contradições que “liquidam” o conceito como, por exemplo, a noção de infinito, fundamental em matemática, como se sabe. O infinito torna inviável a existência de uma origem dos tempos, bem como gera o paradoxo da divisibilidade infinita do tempo.

No entanto, a noção mais generalizada e comumente aceite continua a definir o tempo singelamente como sendo “o intervalo entre dois acontecimentos”. Ora, para que alguma coisa aconteça é necessário que algo mude: que se mova, por exemplo, que aumente ou diminua, que altere o seu aspecto, a sua temperatura, o seu estado, a cor, etc. Se nada mudar, o tempo não faz sentido. É assim



necessário que haja mudança, e uma das mudanças mais evidentes e mais facilmente mensuráveis é o movimento. É a partir do movimento que se constrói toda uma ciência física onde pontifica essa grandeza polêmica e paradoxal: o tempo.

A unidade utilizada na ciência e em todos os domínios da actividade humana para medir o tempo — e não será de mais recordar que medir é sempre comparar — é o segundo, entendido como “a duração de 9.192.631.770 períodos da radiação correspondente à transição entre os dois níveis hiperfinos do estado fundamental do átomo de césio 133 (13.ª Conferência Geral dos Pesos e Medidas, 1967, Resolução 1)”. Esta definição, algo “indigesta” para quem não está habituado, dá no entanto para perceber que, mais uma vez, outra coisa não se faz senão aguardar que algo mude, neste caso que decorram aqueles ciclos todos daquela radiação, correspondendo o intervalo entre o princípio e o fim do fenómeno a 1 segundo.



Os calendários são
convenções
inventadas pelo
Homem que têm
apenas a ver com
a sua necessidade
de situar
cronologicamente os
acontecimentos, no
passado, no presente
e no futuro.



A Natureza Impõe-se

Claro que a Humanidade não começou por conceber e medir o tempo desta maneira tão rigorosa. No princípio foram os ciclos naturais. A exuberância da sucessão dos dias e das noites não terá certamente passado despercebida aos nossos antepassados. Depois verificaram que a Lua mudava de aparência e de posição a espaços regulares, que o Sol mudava a sua altura no horizonte igualmente a intervalos regulares, o que coincidia com mudanças espectaculares na Natureza que correspondiam às estações do ano.

Observou também — provavelmente com a mesma ansiedade que ainda hoje o fazemos — que a vida correspondia ao intervalo que decorria do nascimento até à morte, e assim pôde medir o tempo em gerações (além de ter fixado no subconsciente as noções de princípio e de fim, que quis por força associar a tudo o que conhecia).

Para o homem primitivo a sua **unidade de conta das mudanças** (a que só muito mais tarde vai assimilar a noção abstracta de tempo) foi certamente o período correspondente a 1 dia e a 1 noite. O primeiro era aferido pela posição do Sol, o segundo pela posição das estrelas. A duração dos dias, dos meses e dos anos era conhecida e utilizada há milhares de anos, embora só muito mais tarde os fenómenos astronómicos que lhes dão origem tenham sido compreendidos.

Como não podia deixar de ser, a criatividade humana tinha de “meter o nariz” na ordem natural, definindo ciclos de tempo artificiais e criando aquilo a que vulgarmente chamamos calendários. Já não faz confusão a ninguém (fruto talvez da crescente globalização) o facto de o presente ano de 2001 do calendário gregoriano corresponder ao ano 5761 judeu, ao ano 4333 coreano, ao ano 2543 budista, ao ano 1923 hindu, ao ano 1421 muçulmano, etc., etc. Os calendários são convenções inventadas pelo Homem que têm apenas a ver com a sua necessidade de situar cronologicamente os acontecimentos, no passado, no presente e no futuro.

Mas a Natureza por vezes não colabora. Por isso é que o óptimo calendário gregoriano, adoptado na maior parte do Mundo (mesmo em países com culturas muito

diferentes da ocidental), tem de ser “acertado” de tempos a tempos, como um vulgar relógio. É o que se verifica com a introdução de mais um dia no ano, o 29 de Fevereiro, de 4 em 4 anos (excepto nos anos fins de século que não sejam múltiplos de 400, recordam-se?). Esse ano, a que chamamos bissexto, os Ingleses designam por *leap year* ou “ano de salto”, o que vem a dar no mesmo, mas — há que reconhecê-lo — é mais próximo do original *saltus lunae*. Este esforço deve-se, afinal, ao facto de cada revolução da Terra em torno do Sol, a que corresponde 1 ano, como sabemos, não durar um múltiplo inteiro de dias, assim como 1 mês lunar não dura exactamente 30 dias mas sim cerca de 29,5 dias. Houve então que corrigir periodicamente a diferença, senão este ano iríamos provavelmente celebrar a Páscoa em Dezembro!

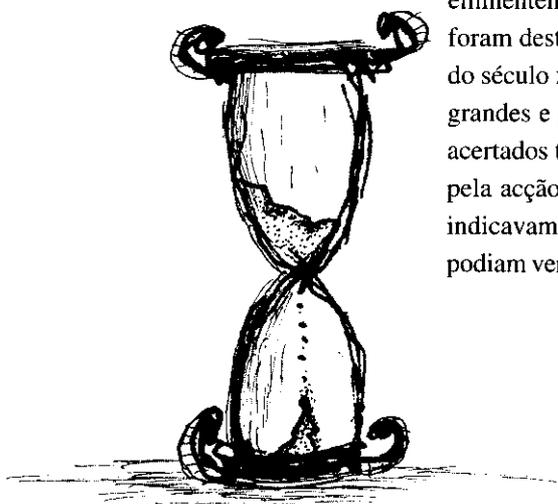
Falámos já em dias, meses e anos. Escaparam as semanas porque estas são totalmente *man made*. Embora hoje em dia a semana de 7 dias, de origem babilónica e judaica, seja aceite em praticamente todo o Mundo, nem sempre foi assim. A título de exemplo refira-se que na África Ocidental se usava a semana de 4 dias, que os antigos Assírios tinham semanas de 6 dias e que após a Revolução Francesa (1789 d. C.) foi instituída a semana de 10 dias!



Medir o Tempo

A história da medição do tempo é uma história de busca de maior exactidão e da capacidade de medir porções cada vez mais pequenas do tempo. A divisão do dia em 24 horas iguais remonta às civilizações mesopotâmicas, 3000 anos a. C. Os astrólogos babilónicos utilizavam essa divisão nas suas previsões de eclipses ou para assinalar as marés, por exemplo. Já para os egípcios, que também dividiam o dia em 24 horas, tanto os períodos diurnos como os nocturnos tinham sempre 12 horas, independentemente da duração dos dias e das noites ao longo do ano, o que significava que as horas não eram todas iguais, havendo umas mais longas (no Verão) e outras mais curtas (no Inverno).

O Sol tornou-se desde cedo um indicador das horas do dia, existindo relógios de Sol simples desde cerca de 3000 a. C. Obviamente que o facto, hoje conhecido, de o dia solar não ser constante — varia vários milisegundos — era totalmente irrelevante naqueles tempos. Nem os nossos engenhosos e observadores antepassados podiam saber que, se tivessem meios de medir a duração do dia, não com referência ao Sol (dia solar) mas com referência às estrelas (dia sideral), encontrariam uma diferença de quase 4 minutos a menos no segundo caso! Depois do Sol veio a água. Os relógios de água (clepsidras, para os antigos gregos), cujo funcionamento se baseia na velocidade de escoamento do líquido através de um orifício, pela acção da gravidade, tinham a vantagem de funcionar também de noite. Ao que parece terão sido os antigos egípcios os inventores. Muitos séculos depois (cerca de 1000 d. C.) os chineses eram ainda grandes especialistas nessa tecnologia. Por estranho que possa parecer à nossa geração eminentemente tecnológica, os relógios de água só foram destronados pelos relógios mecânicos em finais do século XIII, na Europa. Estes eram relógios muito grandes e pouco exactos, que necessitavam de ser acertados todos os dias, pelo Sol, claro. Eram movidos pela acção de um peso suspenso numa corda e apenas indicavam as horas, colocados em torres onde todos os podiam ver.



Os relógios só se tornaram portáteis quando alguém inventou um modo de armazenar, num pequeno espaço, a energia necessária ao seu funcionamento, a mola em espiral, que herdou o nome do dispositivo de accionamento dos relógios de torre: corda. Isto aconteceu no início do século xv, sendo o seu inventor desconhecido. Estes relógios continuavam apenas a indicar as horas e de uma forma muito imprecisa. Apesar disso, eram muito apreciados pelas únicas pessoas que os podiam possuir, os ricos. Que exaltação, ter o tempo na palma da mão! Ainda hoje a ideia nos entusiasma, apesar de a leitura prática e permanente do tempo se ter tornado uma banal necessidade e já não uma sensação rara e intensa. O valor actual dos relógios advém, muitas vezes, não tanto do facto de serem pequenas (ou grandes) obras de arte, mas de representarem um avanço tecnológico e assim marcarem a diferença, o que está hoje em dia tremendamente na moda. Os relógios portáteis (mecânicos) de então eram poucos e, obviamente, muito caros. Eram pequenas obras de arte, o que demonstra o valor dado desde sempre à medição do tempo. O relógio portátil usa-se hoje preso ao pulso, uma inovação atribuída ao aviador brasileiro Santos-Dumont (1904) e banalizada pelos militares durante Primeira Grande Guerra (1914-18). Até aí o relógio usara-se pendurado ao pescoço, preso na roupa ou simplesmente dentro da algibeira.



Um Problema de Exactidão

A exactidão necessária à indicação de subdivisões da hora, os minutos, só seria possível após a aplicação do pêndulo e da sua sucessora, a mola de balanço, ao mecanismo do relógio. O autor desta proeza foi o astrónomo e matemático holandês Christiaan Huygens, na segunda metade do século xvii. A precisão dos primeiros relógios de pêndulo era de 5 minutos por dia, rapidamente ultrapassada pelos 2 minutos conseguidos com a mola de balanço. Estava assim finalmente aberta a porta para a adição de mais um ponteiro aos relógios, o dos minutos. Seria injusto não fazer uma referência, ainda que breve, a um outro tipo de relógios portáteis da época, os relógios de areia ou ampulhetas, muitas vezes utilizados na Europa do século xvi para controlar a duração dos sermões nas igrejas.

Com o passar do tempo, a medição precisa da hora tornara-se uma necessidade real para a Marinha, pois era essencial para a determinação exacta da longitude.

A resposta foi dada pelo relojoeiro inglês John

Harrison que apresentou, em 1761, um cronómetro que tinha um erro de meio minuto por ano! Uma proeza realizada após 40 anos de trabalho! Finalmente era possível medir partes do minuto. Nasceu o ponteiro dos segundos.

Os cronómetros devem o seu nome ao elemento grego *khronos* que exprime a ideia de tempo e está ligado à mitologia daquele país. A história dos deuses do Olimpo vem do princípio do tempo, antes da criação da Terra. Antes era o Caos, um turbilhão

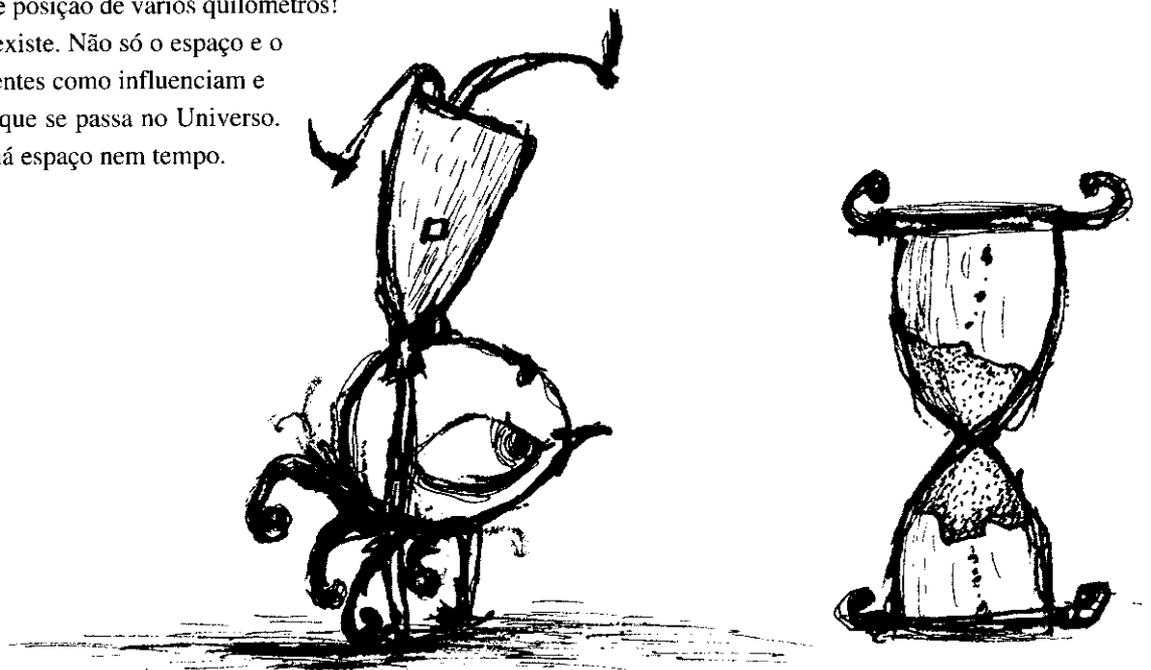
de uma massa feita de coisa nenhuma. Do Caos surgiu a Mãe Terra que teve vários filhos: Urano, que fez a Terra, com as suas flores, árvores, animais e pássaros, Oceano, Reia (ou Geia), Crono, os Cíclopes e outros. Crono casou com Reia e esta teve Zeus, que se tornaria o criador do Homem após submeter Crono com o seu raio. Para os antigos gregos, o tempo (Crono) é parte integrante da Natureza que nos rodeia, a par dos continentes (Reia) e dos mares (Oceano).

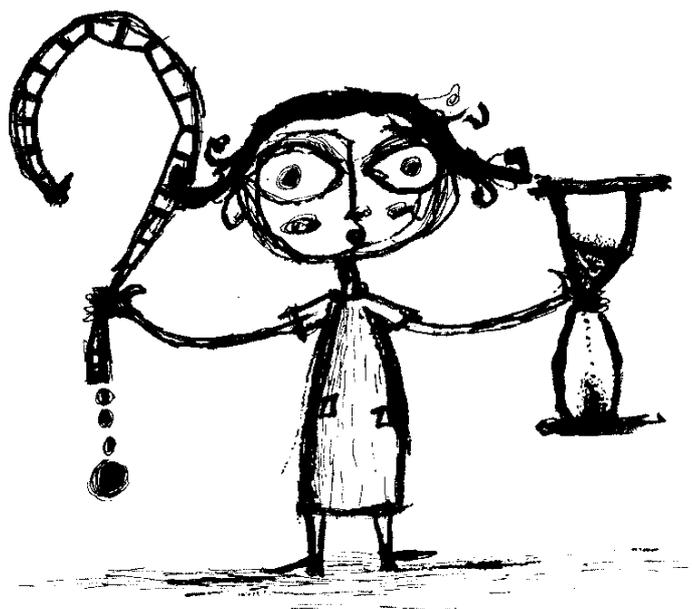


Do Absoluto ao Relativo

A consideração de que o tempo era uma grandeza tão real como qualquer outra que se possa medir (distância, temperatura, etc.) vem do longínquo tempo de Aristóteles que, tal como Newton muito séculos depois, acreditava no tempo absoluto, ou seja, numa grandeza mensurável do mesmo modo por qualquer observador em qualquer momento ou lugar, desde que utilizasse sempre o mesmo relógio. Este conceito tornou-se insustentável muitos anos depois com o desenvolvimento da teoria da relatividade geral, concebida por Einstein, que demonstrou que o espaço e o tempo não são independentes. Por espantoso que possa parecer, é hoje em dia um facto totalmente demonstrado que o tempo não corre do mesmo modo em todos os pontos do Universo. O tempo varia consoante a posição ou o estado de movimento do observador e é influenciado pela proximidade de campos gravitacionais. Assim, o tempo parece decorrer mais lentamente perto da Terra do que afastado desta. Este facto foi demonstrado em 1962, com dois relógios idênticos colocados no topo e na base de uma torre. Verificou-se que o relógio que estava na base, mais perto da Terra, portanto, andava mais lentamente! Com o desenvolvimento da tecnologia associada às viagens espaciais, como é o caso dos satélites, o conhecimento deste fenómeno é essencial para a navegação a essas altitudes. Sem a relatividade geral cometer-se-iam erros de posição de vários quilómetros! O tempo absoluto não existe. Não só o espaço e o tempo são interdependentes como influenciam e são influenciados pelo que se passa no Universo. Fora do Universo não há espaço nem tempo.

... O tempo parece decorrer mais lentamente perto da Terra do que afastado desta. Este facto foi demonstrado em 1962, com dois relógios idênticos colocados no topo e na base de uma torre. Verificou-se que o relógio que estava na base, mais perto da Terra, portanto, andava mais lentamente!





Para onde estamos a ir? Sem dúvida sempre em direcção à menor fracção de tempo. Atrás desta quimera vai o nosso ritmo de vida, cada vez mais rápido. O que dantes se media em dias ou em horas, agora é medido ao minuto (Ex.: “Telefona-me daqui a 10 minutos, OK?”)

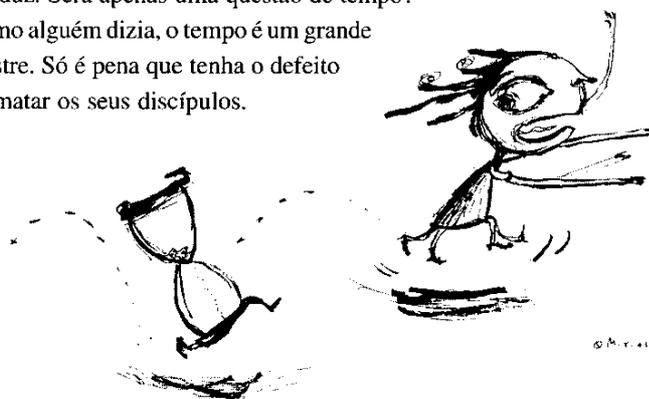
Uma Questão de Tempo

Por estranho que possa parecer, muito antes de Einstein ter formulado a sua teoria da relatividade já a noção de tempo relativo era utilizada em alguns locais. Durante a Revolução Industrial, em algumas fábricas têxteis, em Inglaterra, eram utilizados dois relógios, um normal e outro accionado pelo mesmo mecanismo que accionava os teares. Se, por qualquer motivo, este se atrasava — o que significava menor produtividade — o segundo relógio acompanhava o atraso, obrigando os operários a trabalharem mais tempo! Sem comentários!

Regressando à cronologia que estávamos a desenvolver sobre os relógios, a seguir veio o relógio eléctrico (1840), depois o relógio de quartzo (1929) e finalmente os relógios atómicos (1948), com base nos quais é possível definir o segundo como atrás descrito (desde 1952).

Estes relógios têm normalmente uma exactidão de 1 segundo em 300 anos mas já é possível obter exactidões de 1 segundo em 1 700 000 anos, em condições laboratoriais. Sem estes níveis de exactidão não seriam possíveis as viagens espaciais nem seria possível qualquer navegação em aviões a jacto supersónicos. Para onde estamos a ir? Sem dúvida sempre em direcção à menor fracção de tempo. Atrás desta quimera vai o nosso ritmo de vida, cada vez mais rápido. O que dantes se media em dias ou em horas, agora é medido ao minuto (Ex.: “Telefona-me daqui a 10 minutos, OK?”) Em certas modalidades de alta competição já se medem os resultados em centésimas do segundo, como no atletismo, e em milésimas do segundo, como no automobilismo. E isto é só o começo! O movimento continua. Vamos certamente continuar a correr, em constante aceleração, perseguindo ou sendo perseguidos pelo tempo, sempre em busca daquela felicidade mítica a que o instinto nos conduz. Será apenas uma questão de tempo?

Como alguém dizia, o tempo é um grande mestre. Só é pena que tenha o defeito de matar os seus discípulos.





Camilo Castelo Branco
Memória de Um Recluso

JOSÉ M. TELES SAMPAIO

Professor em Estabelecimento Prisional

Com frequência se refere o papel relevante que a biografia pode assumir no ensino. Por necessidades pedagógicas, pesquisei a história da vida de homens portugueses que passaram parte da sua existência atrás das grades, pelas mais diferentes razões: Damião de Góis, Camões, Padre António Vieira, D. Francisco Manuel de Melo, Bocage, Camilo e tantos outros que passaram pelo cárcere e pagaram a factura da sua adversidade. Debruçamo-nos mais sobre o último — Camilo Castelo Branco (1825-1890), autor de romances de algum sabor picaresco, onde o herói é um anti-herói, vítima e desgraçado, que chora quando uma grande adversidade lhe acontece, como veremos mais adiante. Os relatos que alimentam a biografia do romancista dão-nos a conhecer um homem apaixonado que se vê condenado pelo roubo de Ana Plácido, mulher de Manuel Pinheiro Alves, senhor de Ceide, pronunciado co-réu pelo juiz, que considera: “Está mais que provado ter o réu Camilo Castelo Branco a Ana Plácido como teuda e manteuda, sendo por isso um contra senso ficar impune o cúmplice de vida tão escandalosa e imoral, com o que se afectou profundamente a sociedade.”

Na cadeia da Relação do Porto, onde esteve preso, havia mais 293 reclusos, homens e mulheres que Camilo em *Memórias do Cárcere* observa e compreende o infortúnio de quem está privado de liberdade. Da sua experiência na masmorra, dedica um capítulo a um recluso célebre, Zé do Telhado, nas palavras do escritor um “pobre homem que já não tinha senão lágrimas para conversar, e um desejo sincero de morrer”, com quem conversa para aliviar as amarguras de quem está preso, pois segundo o romancista “os dons de que mais carece e cativam um homem preso, são o aligeirarem-lhe as horas. As horas da cadeia arrastam-se, como se ali fosse a estância de transição para infernal eternidade, onde não há mostrador do tempo”.

Aqui deixamos um pequeno apontamento sobre o famoso salteador de Entre Douro e Minho, de seu nome José Teixeira da Silva, não esquecido na memória do tempo, nomeadamente por todos aqueles que se interessam por questões do mundo dos reclusos. Camilo, na sequência da novela picaresca, assume esta personagem como um pobre diabo, um desgraçado que se vê obrigado a roubar e a fugir à justiça como



consequência de um problema que o afflige — a situação de miséria, de penúria total da sua família.

O herói é descrito pelo romancista como um bandido a quem foi atribuída a medalha de Torre e Espada que na conhecida revolta dos marechais em 1837 salva a vida ao Visconde de Sá da Bandeira “fora o acaso que do cômodo de uma ribanceira alguns soldados do regimento traidor apontavam as armas ao general, conturbado pelas descargas das fumaças, José de Teixeira arranca do cavalo a toda a brida, toma as rédeas do cavalo do general e obriga-o a saltar um valado. Mal deram o salto passaram as balas poucas polegadas acima da cabeça de ambos.” Zé do Telhado, herói da pátria, quando desmobilizado, regressa a casa e encontra a família com pesadas dívidas, contando a Camilo “eu via-me quase pobre e perseguido pelos credores e pelas autoridades”, adiantando logo a seguir “pediu às pessoas importantes, que me haviam sacrificado, o patrocínio necessário para arranjar uma qualquer ocupação, mesmo fora da minha terra, mas ninguém me atendeu”. Sem “vintém de seu”, Zé do Telhado junta-se ao bando de seu irmão, sendo de imediato nomeado chefe e assaltante temido “que tirava aos abastados e ricos sovinas

para distribuir pelos necessitados honestos e labutadores”. Perseguido pelas autoridades da região, o Robin dos Bosques português vê-se obrigado a fugir para o Brasil, mas as saudades da família são muitas e regressa passados dezanove meses, em 1851: “Andei por lá tão afflito do coração que não parava em parte nenhuma. Cuidei de morrer de saudades e por isso vim sem já me dar de ser preso e enforcado. O que eu queria era estar perto dos meus meninos e morrer onde minha mulher me apparecesse à hora da morte.” De regresso a Portugal, novas lutas, novos roubos, novas violências que o obrigam a “pernoitar pelas lapas da serra ou em casa de amigos”. A justiça está no seu alcance, várias vezes consegue escapar até ao dia em que dois traidores o denunciam ao administrador Adriano José de Carvalho e Melo que o surpreende a dormir num barco atracado no Porto.

Zé do Telhado é julgado em Marco de Canaveses, tendo sido condenado a degredo perpétuo em terras de África. Aqui a aventura continua, não já com Camilo em *Mémoires do Cárcere* (1862) mas sim na biografia romancçada de Eduardo de Noronha, *Zé do Telhado em África* (Editorial Domingos Barreira, 1923).



Gestão *do Tempo*

À Procura da 25.ª Hora

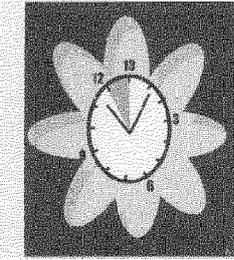
•
RUBEN EIRAS

Jornalista

○



É considerado o bem mais escasso à face da Terra: chama-se tempo. Com efeito, na era da economia global das 24 horas, o tempo, mais do que nunca na história na Humanidade, é dinheiro. O vencedor é sempre o mais rápido e quem realiza os objectivos no prazo mais curto possível. A vida é cronometrada ao milésimo de segundo.



Só que a vida não é só trabalho. Todavia, o quotidiano mostra que este ameaça a toda a hora invadir e reduzir o espaço dos outros campos da existência humana — a família, o social, o cultural e o espiritual.

De acordo com Tim Kindle, presidente da consultora

Working Words e especialista em gestão do tempo, o factor que mais influenciou a alteração da atitude do homem face à dimensão temporal são as novas tecnologias. **“A Internet e o correio electrónico tornaram a troca de informação quase instantânea. Viajar a grandes distâncias tornou-se mais rápido e barato. Por isso, o aumento das opções disponíveis possibilita-nos fazer mais coisas num dia, mas também eleva a pressão no nosso tempo”**, explica. Sendo assim, torna-se crucial uma gestão do tempo eficiente e produtiva.

“Mas o tempo não se pode gerir”, contrapõe Paula Costa, consultora da Time System Portugal, uma empresa especializada na gestão do tempo. **“O que é preciso fazer é uma gestão eficaz das actividades ao longo do dia”**, esclarece. Segundo esta especialista, é errado encarar a gestão do tempo na perspectiva de fazer mais coisas no menor espaço temporal possível. **“Há que utilizar o tempo necessário adequado a cada tipo de actividade”**, observa.

Saber Distinguir a Importância das Tarefas

Neste aspecto, Ana Alves Costa, também consultora daquela empresa, sublinha que existem duas categorias de tarefas: as qualitativas e as quantitativas. As primeiras são as de natureza mais difícil, **“aquelas que exigem tempo para reflexão, raciocínio e pensamento”**. Todavia, aquela consultora adverte contra eventuais **“exageros perfeccionistas”**. As segundas são as de dificuldade média ou baixa, mas que **“têm de ser feitas em grande quantidade e num curto espaço de tempo”**, explicita Ana Alves Costa.

Assim, o primeiro passo a dar consiste na definição de quais actividades a dar prioridade, **“distinguindo entre as que são importantes e as urgentes”**, sublinha Paula Costa.

A clarificação da função a desempenhar é outro dos alicerces de uma gestão eficaz do tempo. **“Se existir ambiguidade na definição do papel dentro da organização, a pessoa não sabe onde é que começa e onde é que acaba a sua responsabilidade profissional. Isso pode levar à duplicação e sobreposição de funções, que originam desperdícios de tempo”**, considera Marco Ramos, presidente do Instituto de Prevenção do Stress e da Saúde Ocupacional, sedado na Serra do Caramulo.

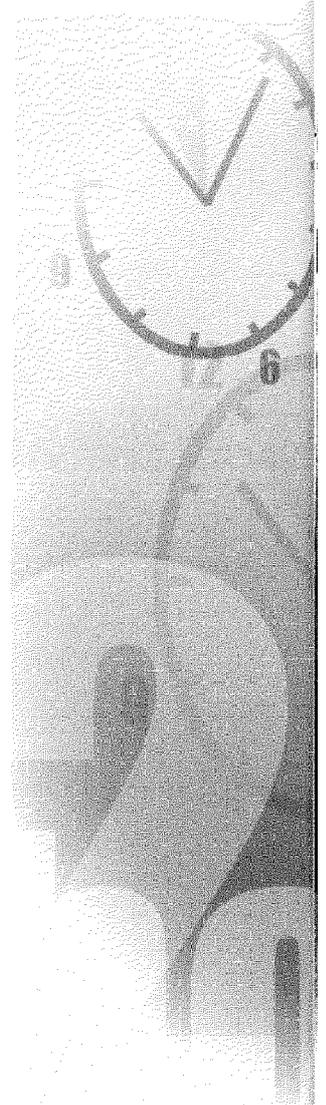
Comunicar com Rapidez e Eficácia...

Uma comunicação clara e directa dentro da organização é mais um dos ingredientes necessários para uma boa produtividade pessoal, dado que os objectivos são transmitidos com maior celeridade e objectividade.

“Por isso, é recomendável que as organizações adoptem estruturas achatadas e eliminem uma hierarquia excessiva, porque atrasa a velocidade da comunicação”, sugere aquele responsável.

Neste plano, Paula Costa salienta que as empresas portuguesas ainda primam por uma estrutura burocrática e que os seus processos de trabalho não estão organizados para otimizar a utilização do tempo.

“Além disso, há uma grande indisciplina na gestão do tempo que é característica da cultura portuguesa. São bem conhecidas as constantes interrupções ao longo do dia, causadas pelas longas conversas com os colegas e muitas idas ao café. É verdade que isto também faz parte da vida profissional e é preciso fazer paragens, mas tudo tem uma medida certa”, reitera.



... mas na Medida Certa

No outro extremo situam-se os trabalhadores que não param durante toda a jornada de trabalho, a não ser apenas para uma voraz meia-hora de

almoço. Segundo Marco Ramos, os casos mais graves são os afectados pelo “tecno-stress”. **“Com a Internet, é possível que um quadro fique ligado instantaneamente**

24 horas por dia a todos os seus colegas de projecto ou de departamento, e a pessoa deixa de ter tempo para ‘digerir’ os assuntos. Tive um paciente, que era director-geral de uma empresa, e que estava ligado por e-mail a todos os directores. Era obrigado a responder automaticamente a todas as perguntas que lhe eram dirigidas e não tinha tempo para escolher nada. Trabalhava em tempo real e não tinha disponibilidade para refletir”, ressalva.

O ambiente das organizações também influencia a forma como as pessoas gerem o tempo.

“É um facto que em muitas empresas, por exemplo, trabalhar muitas horas é sinal de dedicação e de muita produção, e ter tempo livre pode ser interpretado como falta de empenho”, observa Tim Kindle.

Conciliar Qualidade, Rapidez e Vida Pessoal

Neste caso, será preciso sensibilizar os gestores para uma organização do trabalho que se centre na qualidade e não na velocidade de realização da tarefa. **“Só que a competitividade do mercado é enorme e, para não perder o negócio, o cumprimento dos prazos é essencial”**, considera Marco Ramos.

Mas a empresa também pode perder o cliente pela prestação de serviço de baixa qualidade, embora fornecido num curto prazo. **“É necessário que os gestores saibam equilibrar o prazo com a qualidade, porque a rapidez não é tudo. Está provado que empregados mais felizes são mais produtivos e trabalham com maior afinco, porque sentem que a empresa se preocupa com eles”**, salienta o especialista. Isto porque se não houver conciliação entre o trabalho e a família, a pessoa pode entrar num processo de desequilíbrio psicológico **“que afecta seriamente a sua capacidade de decisão e análise. A vida profissional e familiar não são estanques. Uma afecta a outra”**, sublinha Marco Ramos. Com a escassez de talentos no mercado de trabalho, substituir um quadro superior hoje em dia é muito dispendioso para qualquer empresa. Além disso, uma vida social saudável também pode ser fonte de novos negócios para empresa.

A gestão do tempo para as mulheres também é uma ferramenta crucial para a manutenção de uma boa qualidade de vida. **“Muitas mulheres que desempenham funções como quadros médios ou de topo tiveram que fazer uma escolha: sacrificam a família ou carregam uma dupla carga”**, ressalva Ana Alves Costa. Por outro lado, Paula Costa advoga que a geração que se situa nos vinte anos já possui uma atitude diferente. **“Os homens jovens já têm noção de que o trabalho doméstico deve ser partilhado. Portanto, a situação já está a melhorar progressivamente”**, refere.

Assim, para um profissional ser bem sucedido na gestão do seu tempo e as organizações possuírem uma força de trabalho produtiva, o segredo é saber usar a sensatez. **“Muitas interrupções são nocivas e muitas horas de trabalho diminuem a eficiência e a produtividade. Portanto, há que investir tempo em repensar e a melhorar os nossos hábitos de vida”**, alerta aquele especialista.

Para que o leitor saiba como o fazer, seguem-se algumas “dicas” úteis concedidas pelos especialistas consultados pela *Dirigir*, incluindo o guru do momento nos Estados Unidos sobre produtividade pessoal, David Allen.

Os Sete Princípios do Bom Gestor do Tempo

 Definir claramente os objectivos prioritários a atingir, a função a desempenhar na empresa e os resultados a alcançar, de forma a adequar o tempo à actividade a realizar.

 Ter uma boa agenda, onde são escritas todas as tarefas a realizar e os compromissos, de modo a libertar memória para outros assuntos da vida.

 Saber gerir os outros, para controlar as interrupções e minimizá-las. Se trabalha num gabinete, feche a porta e isole-se. Se desenvolver actividade em *open-space*, a solução poderá passar, se possível, por mudar-se para outra sala. Caso contrário, coloque um sinal na sua secretária a indicar que não quer ser incomodado.

Se recebe muitos telefonemas, peça para que sejam reencaminhados para um colega. Saiba dizer “não” com amabilidade.

 Saiba delegar tarefas. Além de ficar com mais tempo e de se preocupar menos com as questões operacionais, aumenta as competências das pessoas que o rodeiam.

 Defina as prioridades. Distinga entre o essencial e o acessório, entre o urgente e o importante.

 As reuniões deverão curtas, eficazes e bem preparadas.

 É imprescindível muita autodisciplina.

Fonte: Time System Portugal

Plano de Emergência

- Organize eficientemente o seu espaço de trabalho. Comece pela secretária, arranjando um esquema para não perder nada no meio de montes de papéis. A seguir, ponha os ficheiros em ordem, as prateleiras e todo o gabinete.
- Pense na sua secretária como uma linha de montagem. A matéria-prima — muitas vezes sob a forma de papel — vem de um lado para ser tratada por uma máquina (a sua cabeça), antes de ser enviada para a etapa seguinte. Para ser eficaz, analise os documentos logo que cheguem: se forem urgentes, entre em acção e delegue-os logo. Coloque os papéis não urgentes e pendentes em tabuleiros separados.
- Os objectos do seu espaço de trabalho devem estar adaptados a si. Reflecta sobre os seus planos de trabalho e qual o objectivo do seu escritório. Se tem muitos visitantes, posicione a sua secretária de

forma a conseguir ver a porta e as pessoas que se aproximam. O seu espaço de trabalho deverá conter apenas os arquivos que usa regularmente. Mantenha-os ao lado da sua secretária, para não ter de se levantar para pegar neles.

- Mude a sua lista de tarefas constantemente, riscando os assuntos mal os terminar, acrescentando novas tarefas logo que surgirem e realçando os itens, se as suas prioridades mudarem. Agrupe tarefas semelhantes, pondo um asterisco junto a um telefonema, uma cruz ao lado de cartas importantes e realçando reuniões que tem de preparar. Assim verá, rapidamente, o que tem de fazer. Complete todas as tarefas semelhantes ao mesmo tempo. Faça uma lista semelhante para as tarefas domésticas.

Fonte: Tim Hindle, *Working Words*

Não se Esqueça...

 **... de exercício físico**
o exercício físico é muito importante para libertar a adrenalina acumulada ao longo do dia. Como actualmente a maior parte do trabalho realizado é de natureza sedentária, passamos a maior parte do tempo na mesma posição (sentada). Reserve tempo para fazer exercício físico assim como para uma reunião, atribuindo-lhe o mesmo grau de importância. Inscreva-se num ginásio, corra ao final do dia ou pratique um desporto que lhe dê prazer.

 **... de uma alimentação saudável**
pense naquilo que come, e a que horas o faz. O ideal é começar o dia com fruta fresca, cereais ou pão

e acabá-lo com uma refeição leve. Comida muito pesada à noite pode provocar-lhe insónias, fadiga ou irritabilidade.

 **... de prevenir o stress**
se tiver uma gestão do tempo muito rígida e inflexível, isso poderá ser uma fonte de *stress*. Adapte-se às mudanças com naturalidade. Reserve tempo para programar as próximas horas de forma produtiva. Planear as actividades é bom a nível psicológico, pois permite-lhe comandar o tempo. Não “vire as costas” às situações que parecem não estar sob o seu controlo. Planear é positivo e ajuda a reduzir o *stress*.

Fonte: Marco Ramos, IPSSO

O «Karaté» do Tempo segundo David Allen

Para trabalhar com eficácia na economia do conhecimento, David Allen, um dos gurus da gestão do tempo mais em voga nos EUA, defende a arte “marcial” na gestão da informação. “**O problema não é a overdose de informação. Se fosse, quando entrássemos numa biblioteca morreríamos**”, graceja o especialista. “**O problema é a quantidade de informação que permitimos entrar na nossa vida sem decidir o que significa e o que fazer com ela**”, explica. Por isso, David Allen, o “samurai” da produtividade pessoal, avança logo abaixo com as cinco técnicas “marciais” de combate à *overdose* de informação em várias frentes — correio electrónico, *voice mail*, papelada, notas de reunião, material de leitura:

1. Tire tudo da sua cabeça

Qualquer informação na sua cabeça está no lugar errado. Incomoda-o mais do que o necessário ou então não é capaz de lhe dar a atenção que merece. Compile todas as ideias, mensagens electrónicas, notas de projecto e de papelada para analisar num bloco de notas, num gravador ou noutro suporte de informação. Tudo deverá ser “arrumado” numa única “caixa” para posterior processamento. De acordo com David Allen, as pessoas tendem a arquivar todos os seus projectos na RAM psíquica, a zona do cérebro onde estão localizados os “eu devo/necessito/ preciso de...”. Logo que diz a si próprio que tem estar a fazer alguma coisa, uma parte de si pensa que deveria estar a fazê-lo naquele momento. Assim, para diminuir o *stress*, tire tudo da sua cabeça para um sistema em que a sua mente confie.

2. Decida o alvo e o próximo passo

Muito do *stress* ocorre nas pessoas que falham em decidirem instantaneamente no próximo passo. Primeiro defina o resultado desejado para um projecto, uma mensagem telefónica ou um recorte de jornal. A seguir defina a próxima acção que mais o aproximará do seu resultado: delegar uma apresentação, responder a uma chamada ou arquivar um ficheiro. Finalmente, defina o contexto que irá proporcionar essa acção. No entanto, não planeie em demasia. “Telefonar ao Pedro. Se não estiver, telefonar à Maria” é planejar em demasia. Foque o alvo, dê o passo seguinte e permaneça flexível para o que aparecer. A última coisa a fazer é identificar o que precisa para realizar a próxima acção: um computador? Um carro? O *feed-back* do chefe?

3. Organize o pensamento, não o papel

Enquanto alguns passos podem ser realizados no imediato, outros requerem planeamento. Organize as ideias, não o papel. Tome as decisões que acabou de fazer — o resultado, o passo seguinte e o contexto onde poderá realizá-lo — e coloque-os num sistema que reveja regularmente. Crie listas de projectos em curso e aqueles ainda em planeamento. Liste-os de acordo com o resultado desejado. Acompanhe os passos seguintes e as coisas que está à espera para cada um deles.

4. Reveja os pormenores, o plano e as prioridades

Reveja pelo menos em três níveis. Numa base diária, precisa de saber e lidar com os pormenores da sua vida. Semanalmente, é preciso actualizar os planos dos projectos. A longo prazo, é necessário compreender o enquadramento global: como é que cada passo se encaixa nas prioridades futuras que delineou? Rever permite renegociar com o seu patrão, o seu cônjuge ou consigo próprio. Faça as conversas desconfortáveis logo de seguida de modo a evitar as dolorosas mais tarde. Para tal, precisa de saber o seu inventário.

5. Actue!

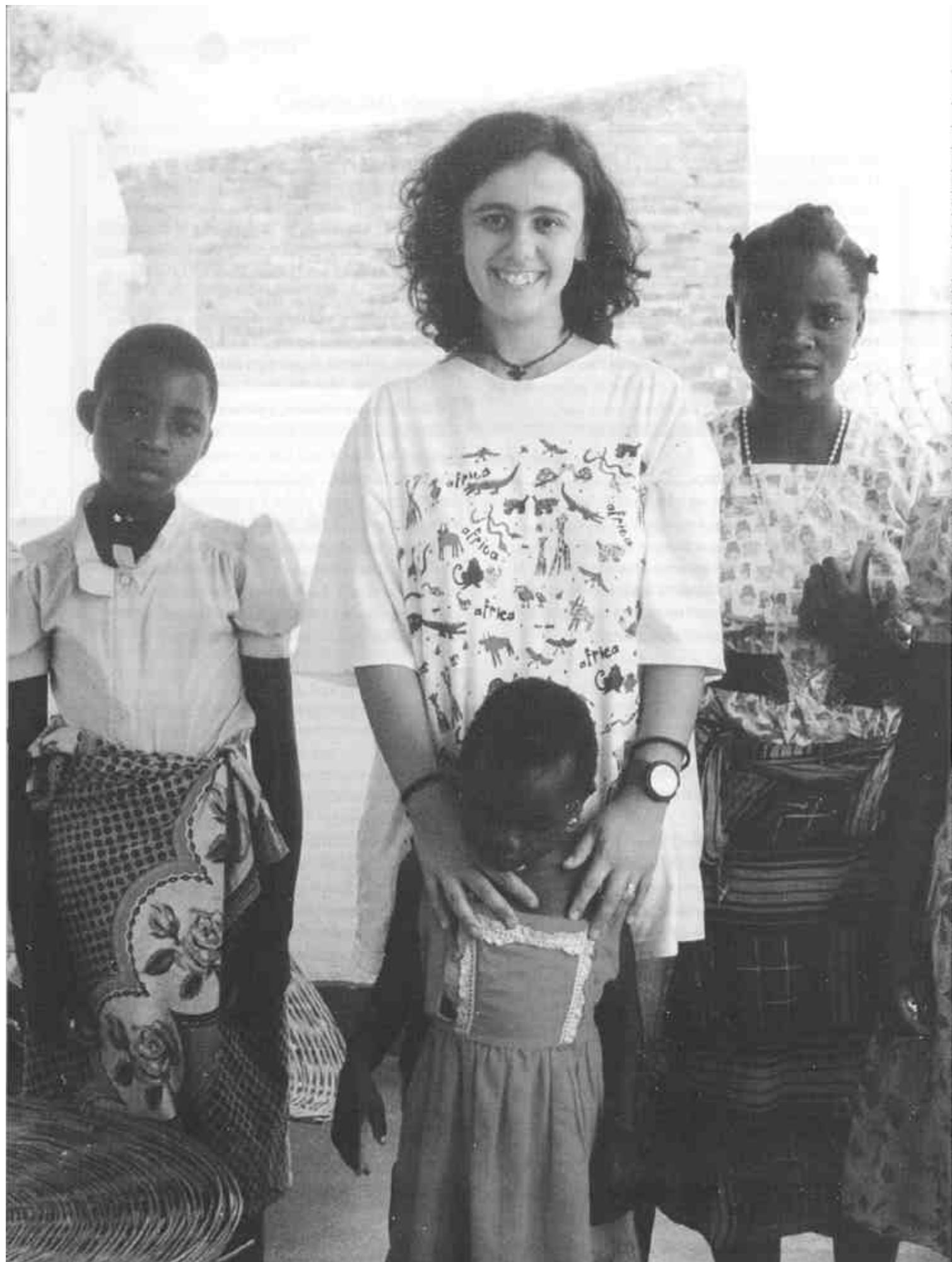
Aqui vão quatro perguntas para ajudá-lo a determinar os seus próximos passos:

Contexto: O que pode fazer? Sem um telefone não pode fazer chamadas, então relaxe e pegue em alguma coisa em que possa avançar.

Quanto tempo tem? Não tente realizar uma revisão de um grande projecto nos sete minutos entre as reuniões. Utilize esse tempo para verificar o *voice mail*, responder a um *e-mail* rápido, preparar uma reunião que se avizinha ou então apenas rever as notas na sua caixa de processamento.

Quão cansado está? Crie listas de tarefas que exijam pouca energia cerebral e realize-as quando estiver exausto — isto é produtividade. Se não estiver arrasado, concentre os seus esforços em avançar para os próximos passos, apagar “incêndios” (há sempre algum) ou definir os resultados e passos seguintes a tomar para novos “fogos” ou outros que ainda perduram.

Qual é a prioridade? Isto deverá ser a sua máxima. Saberá sempre o que fazer a seguir desde que conheça todas as escolhas à sua disposição.



Não Podemos Ignorar...

*... Porque Vemos,
Ouvimos e Lemos*

•
ANA BAPTISTA
Jornalista

○

*Quando a realização profissional não chega,
voluntariado nos Palop.*

*Testemunhos de pessoas com percursos
diferentes, que têm em comum o voluntariado
nos Palop e uma postura de inquietação
perante a vida.*



“Aprendi e Recebi Muito mais do que Ensinei...”

“Todos os dias demorava cerca de meia hora para fazer o caminho de casa até à escola, separadas por meia dúzia de metros. Parava inúmeras vezes para as pessoas pegarem na minha mão e me cumprimentarem. Este ritual passou a fazer parte dos meus dias, por isso comecei a levantar-me meia hora mais cedo para conseguir chegar às aulas a tempo!” Este foi um dos episódios que mais marcou a experiência de voluntariado de Telma Lança em Moçambique.

Já em pequena sonhava com África. Esperava voltar a Angola, o país onde nasceu, e viajar para conhecer todo o continente africano. Mas acreditava que o faria de uma forma interventiva; hoje sabe que as coisas nem sempre vêm ter connosco quando não as procuramos.

Em Janeiro de 1996, em conversa com uma amiga que estava a fazer a formação do grupo “Leigos para o Desenvolvimento”, percebeu que talvez estivesse aí a oportunidade de concretizar o seu sonho. Tirou o curso de Design Gráfico na Madeira e aquele era o terceiro ano lectivo da sua carreira de professora do ensino secundário. Depois de uma formação intensiva e aliciada pelas actividades que iria desenvolver — formação de professores e aulas —, as suas certezas estavam inabaláveis. Mesmo quando algumas pessoas lhe diziam que o mercado de trabalho estava difícil em Portugal, não teve dúvidas.

A 26 de Novembro do mesmo ano, com 25 anos, Telma embarcou rumo a Moçambique, com uma bagagem cheia de sonhos e muita vontade de os concretizar. Durante dois anos, a sua vida teve lugar no Norte desse país, na província de Tete, no planalto da Angónia, na Missão de Lifidzi. Lá encontrou outros voluntários dos “Leigos”, com quem viveu e partilhou o propósito de dar parte da

sua vida às pessoas com quem estavam a trabalhar.

“Estávamos completamente isolados e, como vivíamos nas traseiras da casa do padre, tínhamos o privilégio de ter água corrente na nossa casa. Contudo, éramos os únicos. Luz, só na população mais próxima, a 20 quilómetros. Tínhamos um gerador que funcionava das 18 às 21 horas. Durante esse tempo tentávamos aproveitar ao máximo a energia eléctrica”, lembra.

Diariamente o seu tempo era preenchido entre as aulas de desenho técnico e de português — ao ciclo — da parte da manhã, e a ocupação de tempos livres da parte da tarde. Nessas actividades incluía aulas de pintura, jogos e catequese, uma vez que foi inserida num projecto católico. Esteve envolvida no projecto da biblioteca da escola, que organizou desde raiz e que levou a uma maior adesão por parte dos alunos, que mostraram um crescente interesse pelo novo aspecto da biblioteca. Assim, foram desenvolvidas actividades de animação do espaço, como concursos de leitura e de textos, entre outros. Foi ainda responsável pela ludoteca e videoteca da missão.

“Foi uma experiência muito enriquecedora, uma vez que levei uma mala cheia de coisas para ensinar e aprendi uma grande lição: recebi muito mais do que ensinei — numa proporção de 200 por cento”, conta.

Segundo a Telma, os grandes exemplos de vida estão na riqueza destes povos que não têm nada mas, mesmo assim, passam o dia a sorrir para os outros. Esta é uma das grandes diferenças que ela sente em relação às pessoas em Portugal. Para os Moçambicanos, o “só ficar” é o mais importante. “Uma vez”, recorda, “perguntámos ao Régulo — chefe da aldeia — se ele era realmente feliz, pois apesar de não conhecer mais nada do Mundo para além daquelas ‘machambas’⁽¹⁾, estava sempre a sorrir. Ele respondeu, na sua simplicidade, que era muito feliz, mais do que nós que conhecíamos muito e não nos sentíamos bem em lado nenhum”.





Lições de Vida

Apesar das carências visíveis do povo que morava nos arredores da missão, a sua forma de “dar a volta” às situações foi, para esta voluntária, uma lição de optimismo da qual ainda se lembra no seu dia-a-dia.

Telma confessa que trouxe consigo uma maneira de ser e de encarar a vida em muitos aspectos influenciada pela cultura africana. Acima de tudo a sinceridade, pois diz que “o africano que vive no meio do mato é sempre sincero, mesmo quando tenta dizer alguma mentira”.

Afirma que aprendeu que pobreza material não é sinónimo de desespero nem de tristeza. Acima de tudo sente que cresceu porque foi consciente que não ia a África com intuitos assistencialistas, mas sim para ajudar a aprender: ensinar a desenvolver. “Quem me conhecia antes diz que vim de lá a sorrir muito mais”, brinca. O que significa que dá mais tempo àquilo que considera essencial, vivendo as situações com mais intensidade.

Na sua vivência ao longo dos dois anos, aprendeu também a respeitar as diferenças culturais, por viver no meio de costumes tão diferentes daqueles a que estava habituada. Citou como exemplo o seguinte episódio: quando se deslocava para uma povoação longe da missão, viu um casal de moçambicanos a regressar a casa. De imediato parou o carro quando se apercebeu que era a mulher quem carregava a lenha às costas enquanto o homem ia à frente com um pau, só a abrir caminho. Indignada, perguntou ao homem porque não ajudava a sua mulher, sob o olhar aflito da senhora que lhe tentava explicar que era um costume da sua terra.

Continuar a Ser Voluntária

“Não consigo sequer imaginar não voltar a África, nomeadamente a Moçambique”, afirma. Entretanto, já esteve dois meses em Cabo Verde, em 1999, e este ano vai para a Guiné durante um mês, inserida num projecto de promoção feminina.

O que continua a impulsionar esta professora de Geometria Descritiva de 29 anos a ser voluntária é o facto de, na missão de Lifidzi, ter vivido experiências que não vive no seu dia-a-dia. “Passa muito pela minha realização pessoal e pela forma de estar na vida”, explica. “Lá sentia-me útil, aqui é relativo. Quando trabalhas para os outros e te entregas por amor, a resposta é completamente diferente.” E acrescenta: “Vale sempre a pena ser voluntário, nem que seja pelo facto de a população saber que esteve ali alguém a viver uma causa que é deles e que passou também a ser a nossa.”

Médicos Além-Fronteiras

Nelson e Ivone, dois jovens médicos, estiveram durante dois meses em São Tomé e Príncipe, inseridos num projecto de voluntariado, através da instituição SOL — Sem Fronteiras.

“O que nos levou a participar no projecto foi desde o humanismo aos valores cristãos — move-nos a fé e o amor ao próximo”, garantem. Conceitos latos que permitem abranger uma série de motivações, que foram surgindo na vida destes jovens através de marcas deixadas pelo percurso individual de cada um. Segundo Nelson Gaspar, a profissão de médico tem em uma forte componente social e de ajuda, daí que as suas motivações se fundam nesta conjuntura favorável: o ímpeto de ajudar e o poder para o fazer.

Não conseguem ficar indiferentes às notícias que chegam de África e com que são bombardeados em casa pelos *media*. Perante retratos diários de dor e sofrimento, de países submersos na miséria, surge o inconformismo e a vontade de agir. Ivone confessa que se sente incomodada com essas notícias e que daí vem parte da vontade de fazer mais. “Há qualquer coisa que nos impele, que nos faz mexer”, e que tem a ver com o facto de saberem que têm nas suas mãos instrumentos de mudança. Assim, a melhor forma de concretizar esta vontade de ajudar o próximo e ser actor principal na própria mudança é através do voluntariado em África. E justificam: “O que nos cativa é a continuidade que existe neste tipo de trabalho.” Os projectos da SOL-SEF, inseridos numa lógica de promoção para o desenvolvimento, garantem que a ajuda pontual que os voluntários oferecem se insere em projectos locais e de dimensões adequadas às necessidades locais. “O que vale a pena é saber que, mesmo quando regressamos a Portugal, os projectos em que estivemos envolvidos têm pernas para andar sem a nossa presença”, explicam.

Trabalhar em Parceria

Lançar o Centro Social de Apoio à Infância de Ribeira Afonso foi o trabalho que os levou em Outubro de 2000 até à região algo esquecida no interior de São Tomé. A mais-valia daí retirada foi o facto de terem trabalhado sempre em parceria com uma equipa local de profissionais ligados ao desenvolvimento da criança. Constituída por uma enfermeira, uma assistente social, duas educadoras de infância e a coordenadora, uma irmã missionária, no arranque deste projecto a equipa foi ajudada pelos médicos portugueses e não substituída por eles. Nelson e Ivone ajudavam a identificar a situação e, pela sua experiência e formação adequadas, sugeriam uma solução para o problema, mas a concretização do trabalho era feita pelas técnicas locais. Como referem, ninguém melhor do que elas sabe qual a melhor forma de abordar

as pessoas e quais as questões que mais preocupam a população. “Neste processo nós funcionamos como uma espécie de pano de fundo”, gracejam.

Assim, levaram a cabo o levantamento do número de pessoas a viver no local, registaram crianças que não estavam, matricularam outras crianças em idade escolar e participaram em campanhas de vacinação.

Descobrir que se é Multifacetado

Segundo estes jovens médicos, acima de tudo um voluntário tem de ser polivalente, ou seja, ter abertura de espírito e aceitar envolver-se naquilo que for necessário. Esta foi uma das grandes lições que trouxeram da sua experiência. Chamam-lhe inculturação: “Apesar de irmos com um objectivo definido, a forma de o concretizar depende do que se encontra.” Sobretudo há que ser flexível e ter capacidade de adaptação às novas situações. Na povoação havia um problema de esgotos que parecia não se resolver, criando uma vala de detritos que corria à luz do Sol. Um problema de saneamento básico que acarreta problemas visíveis para a saúde da população. “Não nos competia tratar aquele problema, mas tentámos implicar alguns jovens na limpeza daquela vala e, depois de também nós andarmos a limpá-la, a vala desentupiu e conseguimos que até hoje, depois de termos vindo embora, os mesmos jovens se sintam responsáveis pela sua manutenção”, contam orgulhosos. Em São Tomé vive-se uma realidade diferente onde, inevitavelmente, é criada uma grande expectativa em torno do trabalho que os voluntários vão desenvolver no local. É-lhes, então, pedido que saibam lidar com as situações e imprevistos que possam surgir. Desta capacidade de “improviso” surge o crescimento individual e a riqueza destas experiências. “Aprendemos a dar mais valor a coisas que dantes não dávamos. Há ideias e pensamentos que se alteram, como o próprio conceito de felicidade”, exemplificam.

Dizem que o mais importante é não ficar preso a uma cultura que admiram, mas "trazer um pouco de lá para cá e, sobretudo, que isso ajude a alertar as pessoas no nosso país".

Dois testemunhos e um exemplo do que é colocar a sua profissão ao serviço dos outros, mesmo em regime de voluntariado. Um exemplo de que abdicar de algum tempo em prol do desenvolvimento ajuda a enriquecer não só o país que necessita, mas cada um, como indivíduo. Um exemplo de que o tempo e a disponibilidade são conceitos relativos quando se quer ajudar. Um exemplo que pretende não ficar por aqui, e seguir para novos projectos com objectivos de saúde pública mais concretos.

Saber Perpetuar as Experiências

Não é preciso ser-se médico ou professor para se ser voluntário. Se é verdade que os jovens universitários têm mais tempo para se dedicarem a causas em que acreditam, também é verdade que o que tem inflexão na época estudantil pode ter reflexos na vida futura, visíveis através da aquisição de uma consciência de cidadania e de intervenção a que o voluntário não consegue ficar alheio. E por isso continua o seu percurso, ajudando da melhor forma que pode a perpetuar essas experiências, em si e nos outros.





Horácio é um desses casos. Ainda a estudar, em 1994 foi para Angola com o Grupo de Acção Social da Universidade Católica Portuguesa (Gas'África). Abdicou dos dois meses de férias da faculdade e ingressou num grupo de dez pessoas, rumo a Luanda, capital do país. À sua espera estava um país em guerra cuja esperança teimava em não reacender nos rostos cansados de um povo, oprimido por interesses a que estava alheio. Horácio deixou-se marcar pela falta de esperança que, já na altura, as pessoas manifestavam em relação à restituição da paz em Angola.

Devido às especificidades angolanas, o trabalho desenvolvido prendeu-se com o acompanhamento de doentes no hospital e actividades desenvolvidas com crianças de rua da cidade de Luanda.

Na altura, a motivação de Horácio foi sinónimo de querer fazer algo diferente, "andava chateado e achava que podia fazer coisas mais interessantes na vida", lembra. Mas o envolvimento no voluntariado surgiu também da necessidade de perceber o que está mal (no mundo) e, sobretudo, de saber o que podia ser feito. No ano seguinte, fez mais um projecto com o Gas'África, mas desta vez em Portugal. A partir daí, apesar de não ter voltado a África, nunca mais parou: "o voluntariado é um bichinho que se mete dentro de nós, é uma maneira de estar na vida", confessa.

Porque as experiências de voluntariado enquanto estudante o marcaram muito, hoje, engenheiro mecânico de profissão, aproveita os seus tempos livres para, mesmo de longe, continuar a contribuir para o desenvolvimento dos Palop. "Faço as coisas porque acredito nelas e não pelo dinheiro", frisa.

Entre outras actividades, Horácio está envolvido desde 1999 na formação de jovens voluntários universitários que, tal como ele, um dia querem prestar o seu contributo individual onde acreditam ser necessário. É no Instituto de Solidariedade e Cooperação Universitária (ISU) que dá o seu contributo, ajudando na elaboração dos projectos que esta instituição tem com os Palop e fazendo parte da

equipa de formadores de novos voluntários. "Faço-o porque gosto de fazer coisas com que me sinta bem, não apenas para me sentir útil, mas porque é algo que complementa a minha vida", garante.

Embora goste muito da sua actividade profissional, confessa que precisa de um lado mais humano para se sentir plenamente realizado. Por outro lado, poder partilhar a sua experiência e a oportunidade de trabalhar com jovens universitários são factores que pesam bastante na sua decisão de continuar envolvido nestes projectos. Tempo para tudo isto? Arranja-se sempre.

"Sinto que ainda Posso Fazer Algo"

Em Angola, confrontado com uma realidade nova, tirou partido do lado mais humano da experiência. Trabalhar com pessoas, ver o seu "sofrimento" e a forma como o enfrentam, foi o mais importante. Apesar do desânimo, a esperança com que enfrentam o dia-a-dia, a alegria que demonstravam e a maneira como o aproveitavam. Reunida uma série de coincidências, este ano Horácio vai voltar a África. Desta vez à Guiné-Bissau, num projecto de um mês. De formador, passou a fazer parte integrante do grupo que vai através do ISU para o interior deste país, também ele devastado pela guerra. O regresso surge da necessidade de voltar a participar num projecto desta envergadura, pela fase da vida em que se encontra e, sobretudo, pelo privilégio de acompanhar jovens voluntários naquela que, para alguns, vai ser a sua primeira experiência. "Sinto que ainda posso fazer algo", acrescenta. Implícita fica a vontade de continuar envolvido nestas experiências e de perpetuar os laços com África, de longe ou por perto.

NOTA

(1) Hortas, locais de cultivo de agricultura de subsistência, uma vez que se trata de um povo agrícola.

Os Valores dos Jovens da Geração de 90

• CARLOS BARBOSA DE OLIVEIRA

Jornalista

○

Vivemos numa sociedade em que o indivíduo é constantemente posto perante a necessidade de escolher, informar-se, criticar e decidir sobre actos tão simples como ir ao cinema, o local onde passar as férias, o livro a ler ou o regime alimentar a seguir.

Neste modelo social, que valores defendem os jovens, o que consomem, como pensam e reagem perante os estímulos da moda, das marcas e da publicidade?



Dois investigadores do CRIOC (Centre de Recherche d'Information des Organizations de Consommateurs) fizeram, durante a década de 90, um estudo sobre os comportamentos e valores dos jovens. Trata-se de um estudo bastante vasto, do qual apenas respigámos alguns pormenores que nos pareceram ser mais relevantes para a compreensão das diferenças entre os valores e alguns hábitos dos jovens dos anos 60 e dos seus filhos.

Embora as conclusões se reportem a 1995, numa época em que a Internet e os jogos de vídeo ainda davam os primeiros passos e a globalização não fazia parte da lista de preocupações, este foi o último estudo do género realizado à escala europeia e a maioria das suas conclusões mantém grande actualidade.





Os Valores que os Animam

Os problemas ambientais e a protecção da Natureza eram os principais centros de interesse dos jovens europeus, encontrando-se no pólo oposto o interesse pelas questões políticas.

A arte perdia adeptos entre os jovens, mas em contrapartida aumentava a sua curiosidade sobre o modo de vida dos povos de outros países.

Não deixa de ser curioso que o regresso aos valores tradicionais fosse uma aspiração de belgas e holandeses, que evocavam a família, o trabalho e a pátria em primeiro lugar na sua escala de valores.

O desporto ocupava o primeiro lugar nos centros de interesse dos irlandeses, dinamarqueses, franceses e ingleses, enquanto os problemas sociais despertavam as atenções prioritárias de portugueses, espanhóis e gregos.

A acção revolucionária, como forma de impor mudanças sociais, só era defendida por três por cento dos jovens europeus, os quais acreditavam (67 por cento) serem as reformas a medida prioritária e adequada para conseguir as mudanças necessárias.

A paz mundial, os direitos humanos, racismo e a liberdade individual, eram causas que ainda motivavam os jovens nos anos 90, mas em 95 era já visível uma acentuada redução de preocupações dos jovens com estes problemas. Por outro lado, aumentavam as preocupações dos jovens europeus com o desemprego e a SIDA.

Em declínio estava então o movimento associativo, nomeadamente nos países do Sul da Europa, tendo mais de metade dos inquiridos nestes países declarado não pertencerem (nem pensarem vir a pertencer) a qualquer associação.





Televisão, Cinema e Leituras

Estar sentado diante do televisor era um hábito em crescimento para os jovens europeus na década de 90, que declaravam passar mais tempo diante da “pantalha” do que a estudar e elegiam a televisão como o seu passatempo favorito nos tempos de lazer.

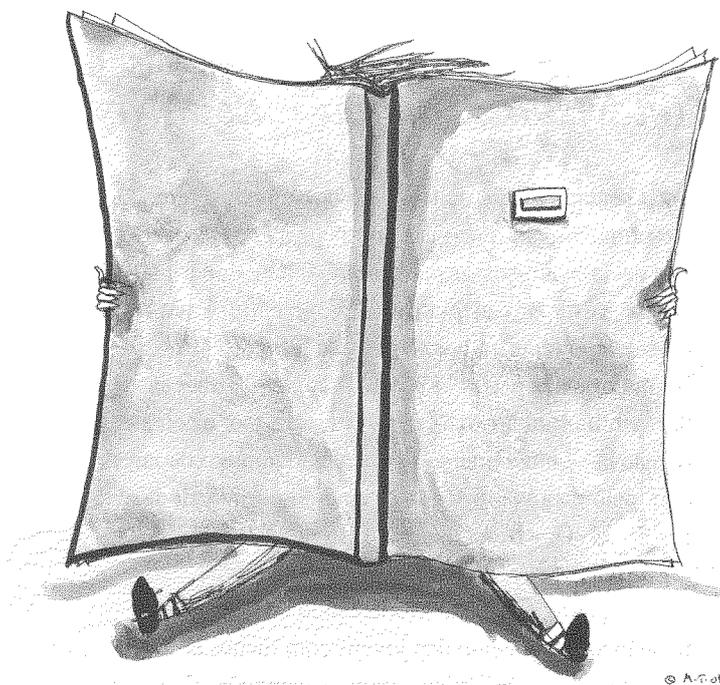
Na maioria dos países da União, mais de 90 por cento das famílias tinham pelo menos um televisor a cores e registava-se um aumento relevante do número de lares com pelo menos um segundo aparelho destinado aos jovens. Na Grã-Bretanha, por exemplo, 73 por cento dos jovens entre os 11 e os 20 anos possuíam um televisor no seu quarto, o mesmo acontecendo em França em relação a 37 por cento dos jovens com menos de 16 anos. Os jovens britânicos eram os campeões da febre

televisiva, não deixando de ser curioso que eles próprios reconheciam gastar demasiado tempo com a televisão (4 horas diárias).

Quanto aos géneros preferidos (na época não havia ainda os novos formatos de *reality shows*), o pódio era ocupado pelos programas de humor, desportivos e concertos *rock*, a que se seguiam as *soaps*.

Em 1995, o número de frequentadores de salas de cinema reduziu 25 por cento em relação à década anterior. Os jovens britânicos eram os frequentadores mais assíduos (63 por cento declarava ir ao cinema pelo menos uma vez por semana).

Escolher o filme carece de informação e a maioria dos jovens de 90 colhiam-na nas críticas de televisão, em artigos de imprensa escrita ou no “passa-palavra”,





mas 49 por cento dos jovens franceses afirmavam seguir os conselhos dos professores.

Os jovens alemães eram os que revelavam ter mais hábitos de leitura, enquanto espanhóis, portugueses e italianos ocupavam o pódio dos piores leitores. Três quartos dos jovens europeus declaravam ler por prazer, ocupando em média uma hora diária nessa actividade, mas as raparigas liam mais do que os rapazes. Para a escolha de um livro, a troca de opiniões com amigos é importante, mas para 25 por cento dos jovens inquiridos a fidelidade ao autor é determinante. Os rapazes franceses liam sobretudo revistas desportivas, enquanto em Inglaterra as raparigas eram as maiores consumidoras de revistas de vários géneros.

“**P**enso, logo existo”, afirmou Descartes. Mas passava as manhãs na cama, reflectindo: “Apenas desejo a tranquilidade e o repouso.”

Paulo Morais
In Notícias do Milénio

“**A**bundância que não tenha beleza faz com que a beleza não tenha bondade.”

William Shakespeare
(1564/1616) *Medida por Medida*

“**M**ais vale estar liberto de inúmeros cuidados que cercado de grandes riquezas.”

Thomas More
(1478/1535) *Utopia*

Bélgica na Presidência da União Europeia

A Bélgica assume no segundo semestre do corrente ano a presidência da Conselho da União Europeia. Uma das principais prioridades da agenda do Governo belga será a Declaração de Laeken sobre o futuro da Europa, que deverá ser aprovada no final do ano e que procurará definir os principais contornos de uma nova Conferência Intergovernamental, a concluir em 2004. O objectivo fundamental é o de operar as reformas institucionais consideradas indispensáveis para assegurar o funcionamento de uma União Europeia alargada a novos Estados-membros.

Mais de Metade dos Portugueses não Fala Línguas Estrangeiras

Portugal é o segundo país da União Europeia com a maior percentagem de cidadãos incapaz de falar uma língua estrangeira, cerca de 56 por cento, segundo um estudo europeu sobre competências linguísticas e atitudes em relação à aprendizagem das línguas na Europa, divulgado no âmbito da Ano Europeu das Línguas que se comemora este ano.

O Reino Unido é o único Estado-membro que ultrapassa Portugal nesta matéria. Cerca de 66 por cento dos seus habitantes declararam desconhecer outra língua para além da materna, realidade que fica a dever-se, em grande medida, ao facto de o inglês ser um dos idiomas mais falados na Europa — 40,5 por cento dos europeus afirmaram dominá-lo como língua estrangeira.

Transacções Financeiras Transfronteiriças

A Comissão Europeia propôs recentemente a instituição de um quadro jurídico que estabeleça as garantias e limite os riscos dos créditos nas transacções financeiras transfronteiriças. A proposta de directiva sugere, nomeadamente, a criação de um quadro jurídico europeu claro e uniforme, aplicável às transacções financeiras realizadas entre os diversos Estados-membros da União Europeia.



Preço dos Transportes Públicos na União Europeia

Lisboa tem os transportes públicos mais baratos entre as principais cidades da União Europeia, de acordo com um estudo divulgado pelo banco suíço UBS. Na capital portuguesa uma viagem de cerca de 10 quilómetros utilizando os transportes públicos custa, em média, cerca de 0,47 dólares. Na Europa o preço varia entre os 2,22 dólares, calculados para Londres, e os 0,63 dólares, em Atenas.

O Euro no seu Estabelecimento

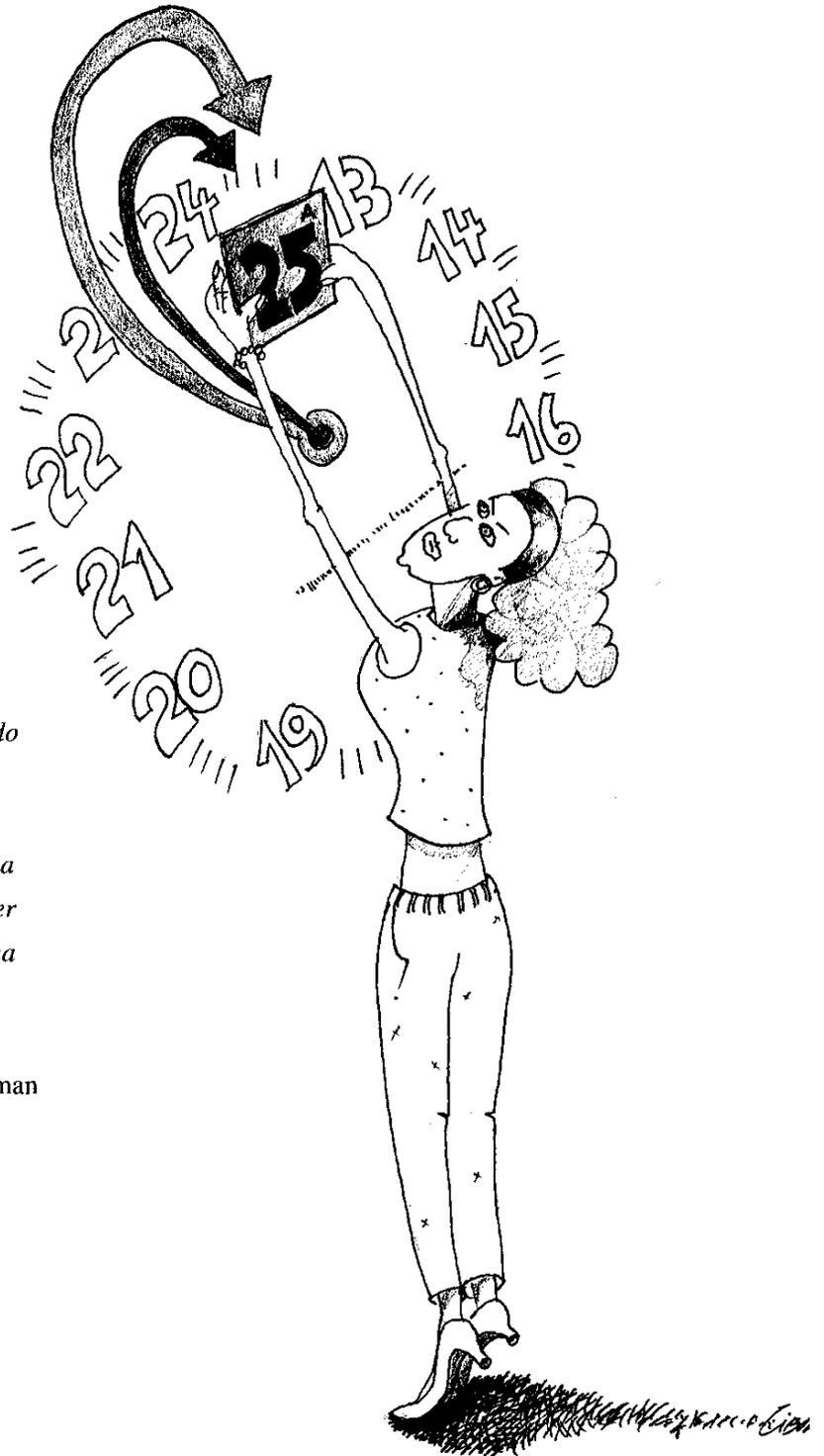
A Caixa Geral de Depósitos publicou, em cooperação com a Associação para a União Monetária da Europa, um Guia Prático intitulado *O Euro no Seu Estabelecimento*. Esta brochura é dirigida aos pequenos comerciantes, tendo como objectivo principal auxiliá-los na mudança para o euro.

●
NUNO DE OLIVEIRA PINTO

Professor Universitário, Auditor, Consultor de Empresas

○

A 25^a Hora

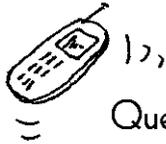


“Todavia, nada parece mais real e imutável do que o tempo e a sua passagem. Nada parece mais constrangedor do que as limitações do tempo. E nada parece mais poderoso do que a nossa vontade de viver, de viver mais, de viver para sempre e de não desaparecer na profana infinitude do tempo sem fim.”

Jacob Needleman

•
 JOSÉ VICENTE FERREIRA
*Consultor e Docente Universitário,
 Membro do Conselho Editorial da Dirigir*

○



Queremos gerir o tempo mas apenas conseguimos equacionar um “tempo de promessas”, no qual os minutos não têm segundos, as horas são extraordinárias, os dias não têm relógio e os anos são os... seguintes.

Como gostaria de encontrar o tempo que os outros “perdem”, “fazem”, “queimam” e “matam”. O tempo é o bem mais escasso da actualidade. Quem não se queixa hoje de... falta de tempo.

Porque será que o tempo é um factor pouco considerado e estupidamente consumido? Para alguns é um verdadeiro negócio, pois em muitos casos somos obrigados a “comprar tempo” para... “ganhar tempo”.

Nos corredores da clandestinidade, muita gente “vende tempo” através de soluções tornadas imediatas. Parece que vivemos num tempo sempre adiado prometendo a nós mesmos que a seguir será diferente.

Queremos gerir o tempo, mas apenas conseguimos equacionar um “tempo de promessas”, no qual os minutos não têm segundos, as horas são extraordinárias, os dias não têm relógio e os anos são os... seguintes.

Procuramos desesperadamente uma qualquer 25.^a hora capaz de realizar a nossa inquietação perante um *agora* demasiado rápido e sempre insatisfeito. Jacob Needleman escreve no seu *O Pequeno Livro do Tempo*: “Todavia, nada parece mais real e imutável do que o tempo e a sua passagem. Nada parece mais constrangedor do que as limitações do tempo. E nada parece mais poderoso do que a nossa vontade de viver, de viver mais, de viver para sempre e de não desaparecer na profana infinitude do tempo sem fim.”

Perante uma realidade que nos leva a não querer pensar, porque temos medo ou porque não temos resposta à nossa medida, refugiamo-nos em palavras e mais palavras que pretendem justificar o... injustificável.

Quando o presente se mascara de intenções, é o desinteresse que se instala. Quando o futuro se adia em discursos, perde-se a credibilidade nas pessoas e instala-se um sentimento de indiferença e insegurança.

O perigo de tudo deixar correr é poder ressuscitar uma qualquer violência da indiferença. De facto, esta violência está bem patente no dia-a-dia e é visível na falta do respeito com que homens tratam outros homens.

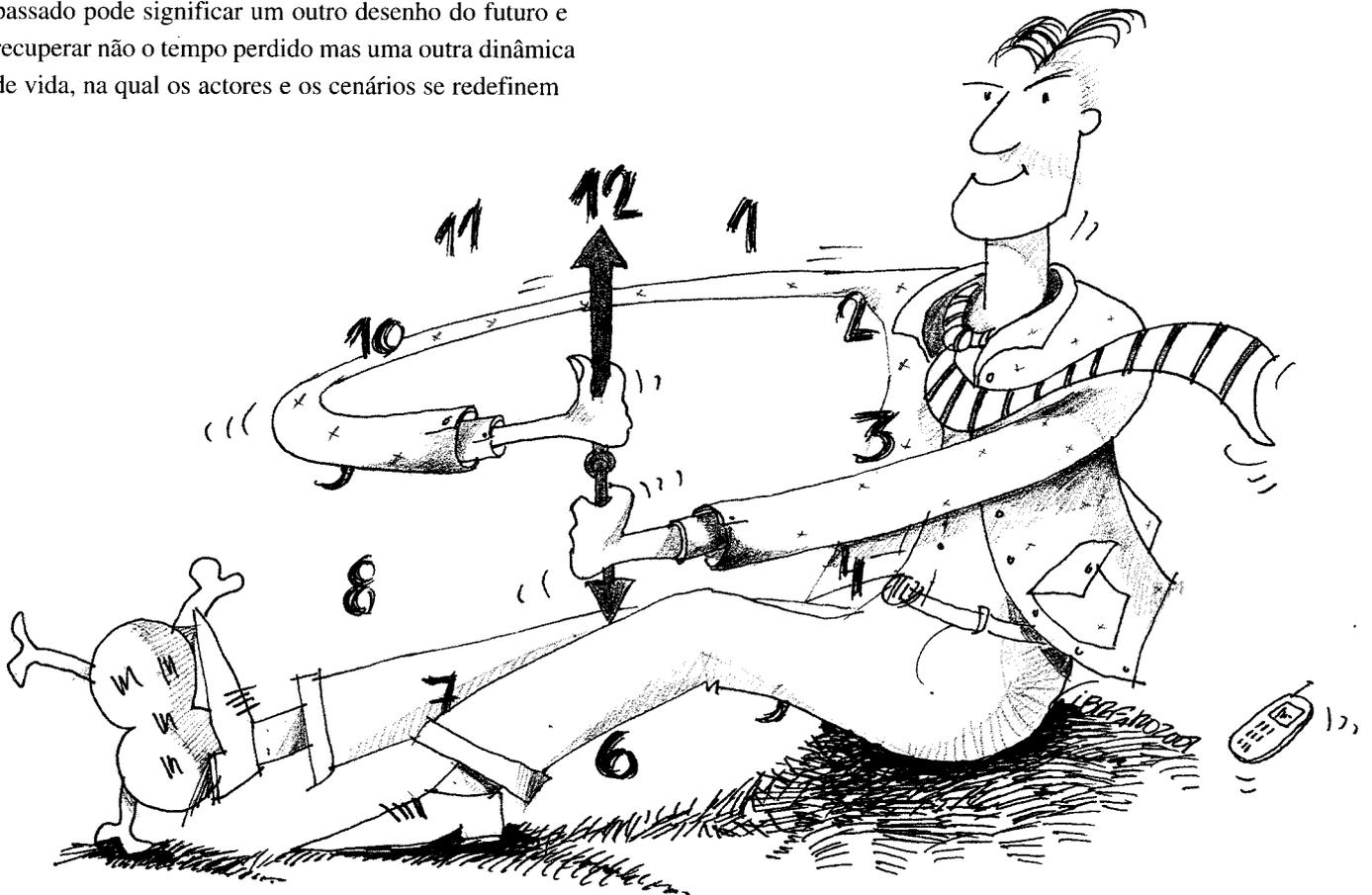
A degradação da qualidade de vida está presente em cada um de nós e na forma como nos vamos relacionando uns com os outros. Corremos atrás do tempo queixando-nos da sua escassez. Não temos tempo para nós próprios nem para a família, e claro... não temos tempo para os outros.

Não sabemos ouvir e, cheios de pequenas e enormes certezas, vamos criando à nossa volta climas de vida e de trabalho perfeitamente intoleráveis.

Vale a pena voltar a perguntar que tempo temos para a família e para os filhos? E para os amigos? Que atenção prestamos aos que trabalham connosco? E como os consideramos?

Vivemos uma época que exige mais do que palavras — quer sinais que se desenvolvam à nossa volta. Solidariedade, respeito e dignidade pelas pessoas, justiça social, construção de clima de paz, trabalho com qualidade, educação, cultura e formação permanente, são alguns sinais que terão que se fazer presentes nas redes pessoais e institucionais.

Quando olho à minha volta e vejo o frenesim com que hoje se vive, consumindo muito de tudo numa correria louca, interrogo-me se as pessoas não olham para trás e não pensam como chegaram onde se encontram. Que memória temos de nós e da nossa vida? Que história construímos e como a construímos? A realidade é que a nossa vida tem uma história com acontecimentos bons e maus, com datas e pessoas e com coisas muito nossas. É importantíssimo saber revisitar a nossa memória pois é aí que encontraremos a forma como temos vivido o nosso tempo. Reconciliarmo-nos com o passado é ainda mais importante, pois tal significa quebrar com a noção superficial do tempo. Ver longe no passado pode significar um outro desenho do futuro e recuperar não o tempo perdido mas uma outra dinâmica de vida, na qual os actores e os cenários se redefinem



com tons de uma sabedoria redescoberta. Afinal, na história que estamos a viver esta sabedoria está a dizer-nos que todos temos um fim. O tempo é de contradições, de desafios e de esperança, por isso mesmo exige outros saberes, outros relacionamentos e outra paciência. Convém lembrar que os cemitérios estão cheios de pessoas mais ou menos importantes que se julgavam insubstituíveis...

Vem a propósito contar, embora de forma adaptada aos tempos actuais, um conto Sufi (movimento espiritual islâmico).

Um executivo deste admirável mundo globalizado tinha como única preocupação facturar e viajar no seu mundo de negócios. De país em país, de avião em avião, de hotel em hotel, os dias eram vividos a um ritmo apenas marcado pela teologia do dinheiro.

Tudo se passou num desses aeroportos de passagem. Alguém lhe puxou pelo braço e disse-lhe: “Eu sou a morte e venho comunicar-te que temos encontro marcado para amanhã, às seis da manhã.”

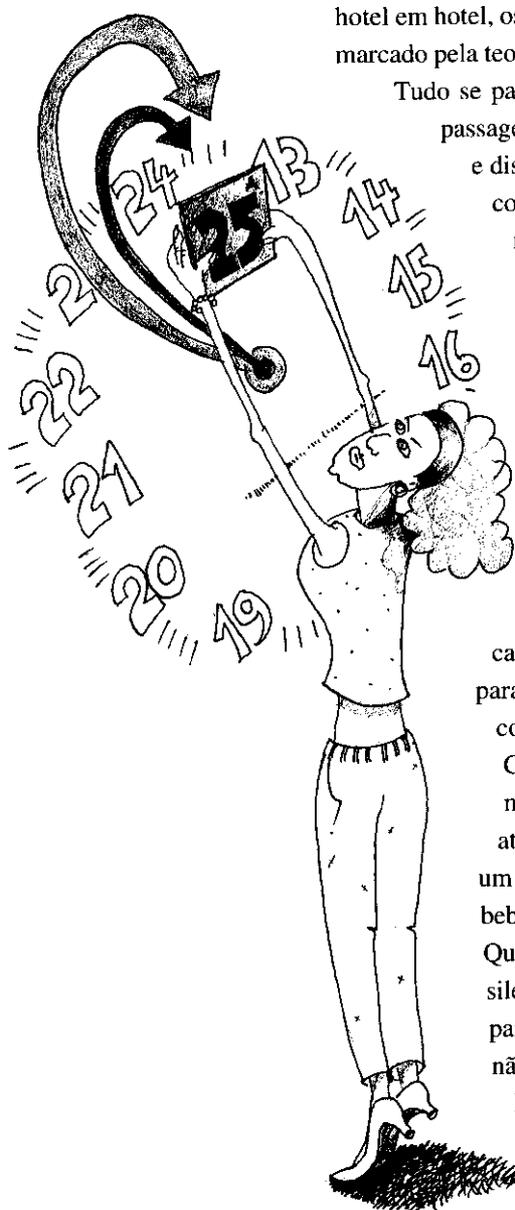
O nosso executivo ficou petrificado mas, como bom gestor que era e habituado a saber tirar partido das informações que obtinha, tomou de imediato uma decisão: vendeu todos os activos que possuía e alugou um avião que o conduziu a um deserto distante e desconhecido. Aí comprou três

cavalos e partiu para longe, muito longe, para um lugar onde a morte não conseguisse encontrá-lo.

Cavalgou horas, de noite e de madrugada, largando cavalo após cavalo, até que cerca das seis da manhã alcançou um oásis. Desmontou para se refrescar e beber água antes de continuar viagem.

Quando se aproximava do poço, uma figura silenciosa veio ao seu encontro, olhou para o relógio e disse: “Estava a ver que não conseguias chegar a tempo!”

Pois é, não há mesmo 25.^a hora. Tudo tem um tempo certo, até a vida!



Recrutamento & Seleção de Pessoal



Recrutar pessoas implica, dada a multiplicidade de variáveis presentes, um elevado risco de falhar, com pesadas consequências em termos não só económicos mas também sociais e humanos, exigindo coragem para assumir as decisões e ponderação para não dar

passos em falso na sucessão de acções e opções envolvidas.

O presente livro pretende ser um auxiliar na difícil missão de dotar as empresas e as organizações em geral do seu mais importante recurso — as pessoas —, o capital humano que as diferencia e as torna competitivas. Integra numerosos exemplos práticos e desenvolve cronologicamente as várias etapas de um processo de recrutamento e selecção, constituído por crivos sucessivamente mais apertados.

Destina-se a todos aqueles que, a qualquer nível da estrutura da empresa, intervêm no recrutamento e selecção de colaboradores, desde responsáveis ao mais alto nível (empresários, administradores...) a directores das áreas operacionais e de pessoal, consultores e técnicos de recursos humanos. Útil também para estudantes dos cursos de Gestão de Recursos Humanos.

Ficha Técnica

Título: *Recrutamento & Seleção de Pessoal*
Autor: Adelino Alves Cardoso
Editora: Lidel — Edições Técnicas, Lda.
Colecção: Manual Prático Lidel
N.º de Páginas: 168

À venda nas livrarias

Crónicas da Inforfobia



Crónicas da Inforfobia é o título de um livro despretencioso que aborda um problema bem dos nossos dias: o pavor que as Tecnologias da Informação (em geral) e a Internet (em particular) provocam em muito boa gente... Os receios e fantasmas relacionados com a evolução

da Tecnologia não são novos: remontam, se calhar, ao tempo da invenção da roda ou — quem sabe? — até mesmo ao *coup-de-poing*, que alteraram o Mundo mas que, decerto, também tiveram que enfrentar os adversários das "modernices"...

Nos dias de hoje, em que as Tecnologias de Informação dominam áreas cada vez mais cruciais da actividade humana, tal atitude conservadora pode ter consequências tão estranhas quanto desastrosas. Mo entanto, teve pelo menos a vantagem de inspirar a quase totalidade das divertidas histórias que Medina Ribeiro nos conta neste livro.

Ficha Técnica

Título: *Crónicas da Inforfobia*
Autor: Medina Ribeiro
Colecção: Sociedade da Informação
Direcção Gráfica: Centro Atlântico
N.º de Páginas: 156

À venda nas livrarias

Sistemas de Informação para as Organizações



O desenvolvimento de competências no domínio da concepção de Sistemas de Informação para as organizações reveste-se de uma importância relevante no desempenho profissional dos gestores e na eficácia das respectivas actividades de gestão. Exigem-se aos

gestores conhecimentos do negócio, da organização e de gestão por forma a perceberem qual a informação necessária para suporte à actividade, qual a sua importância e qual o seu valor nos processos de tomada de decisão. O desenvolvimento de Sistemas de Informação que permitam implementar uma "base de serviços de informação" ao nível organizacional suportada por uma rede de processos articulados, num plano horizontal e vertical, permitirá à organização desenvolver uma dinâmica interna capaz de responder aos desafios que a evolução lhe impõe.

Esta obra é um instrumento para insuflar competências: *know-how*, métodos e princípios de organização capazes de alicerçar e consolidar a gestão, a organização e os Sistemas de Informação.

Ficha Técnica

Título: *Sistemas de Informação para as Organizações*

Autor: José Rascão

Editora: Edições Sílabo, Lda.

N.º de Páginas: 384

Preço: 4400\$00

À venda nas livrarias

Representação Social do Empresário



O empresariado e a inovação são os elementos vitais das economias de mercado. Parafraseando Schumpeter, nos anos 30, são os empresários que proporcionam as mudanças nos sistemas de mercado pelas inovações que introduzem. Uma classe empresarial dinâmica é um

factor decisivo em qualquer sociedade que deseje evoluir e proporcionar bem-estar aos seus cidadãos. É pois importante conhecê-la e identificar as especificidades e contingências que ela possui em cada cultura. É precisamente o que esta obra nos propõe — conhecer os aspectos teóricos e conceptuais dos empresários e do empresariado, bem como a sua realidade na cultura portuguesa. Recorrendo a uma metodologia inovadora através das representações sociais, o autor identifica as ideias circulantes, do senso comum, sobre o empresário e o empresariado, e ao mesmo tempo caracteriza a realidade portuguesa. Uma leitura indispensável a quem deseje conhecer as motivações empresariais no universo das PME em Portugal, o seu quadro conceptual, bem como os aspectos teóricos e práticos das representações sociais.

Ficha Técnica

Título: *Representação Social do Empresário*

Autor: Francisco Costa Pereira

Editora: Edições Sílabo, Lda.

N.º de Páginas: 288

Preço: 3900\$00

À venda nas livrarias

Câmara Hispano-Portuguesa de Comércio e Indústria em Espanha

A Câmara Hispano-Portuguesa de Comércio e Indústria em Espanha, em colaboração com a Embaixada de Portugal e o ICEP, tem uma Bolsa de Trabalho que reúne ofertas e procuras de empresas e profissionais com interesses tanto em Portugal como em Espanha.

BOLSA DE TRABALHO

OFERTAS E PROCURAS

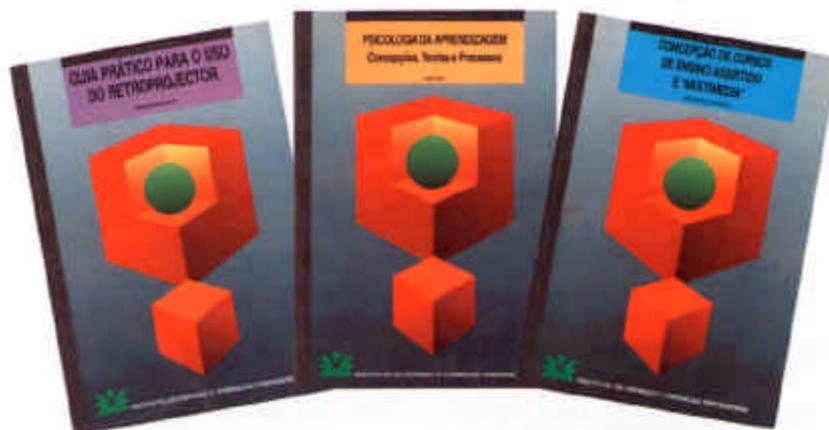
Apdo. de Correos: 19196

Tel.: +34 91 442 23 00

Fax: + 34 91 442 22 90

e-mail:

camaraportugal@mad.servicom.es



Alguns Volumes Publicados

A Aprendizagem e os Jovens
M^ª Lucília Oliveira/Manuela Porto

A Comunicação
Luís Cardim/Pedro Marques

Definição de Objectivos de Formação
Maria de Lourdes Vieira

Avaliação Pedagógica na Formação Profissional - Generalidades
José Sampaio/António Tira-Picos

Avaliação Pedagógica na Formação Profissional - Técnicas e Instrumentos
José Sampaio/António Tira-Picos

O Método Demonstrativo
Arménio Pereira/José Eduardo Rocha

Preparação e Desenvolvimento de Sessões de Formação
Fernando Oliveira

A Análise de Trabalho - Abordagem Sistémica
Acácio Duarte

Elaboração de Programas de Formação
José Manuel Dias

Guia Prático para o Uso do Retroprojector
Artur da Rocha Machado

Os Meios Audiovisuais na Formação
Carlos Portugal Ribeiro/João Alberto Pires/Luís Relvas

Métodos Pedagógicos
João Pinheiro/Lucília Ramos

Concepção de Cursos de Ensino Assistido e Multimédia
José Garcez Lencastre

Psicologia da Aprendizagem - Conceções, Teorias e Processos
Jorge Pinto

A Gestão de Recursos Humanos na Estratégia da Empresa
Rita Campos e Cunha

Preço: 650\$00

DISTRIBUIÇÃO E VENDA:

Gabinete de Comunicação- Núcleo de Informação Científica e Técnica
Av. José Malhoa, 11 • Piso 0 • Lisboa 1099-018 • Telefone 21. 722 70 00



INSTITUTO DO EMPREGO E FORMAÇÃO PROFISSIONAL